



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

SOLANGE STACIAKI DE SOUZA

**MEDICINA CASEIRA PARANAENSE: UM ESTUDO
GEOLINGÜÍSTICO**

Londrina
2005

SOLANGE STACIAKI DE SOUZA

**MEDICINA CASEIRA PARANAENSE: UM ESTUDO
GEOLINGÜÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2005

SOLANGE STACIAKI DE SOUZA

**MEDICINA CASEIRA PARANAENSE: UM ESTUDO
GEOLINGÜÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera

BANCA EXAMINADORA

Profa. Vanderci Andrade Aguilera

Prof. Mario Roberto Lobuglio Zágari

Prof. Aparecido Negri Isquerdo

Londrina, ____ de _____ de 2005

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio irrestrito, especialmente à minha filha Maria Luiza, que infinitas vezes me acompanhou nas orientações e que, por um determinado período, viveu no improvisado.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera, pela ATENÇÃO e PACIÊNCIA dispensadas e pelas leituras cui-da-do-sas e além de tudo pela FIRMEZA e pelo CARINHO.

Aos Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina e, ainda, ao Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes e à Prof^a Dr^a Aparecida Negri Isquerdo, pelas preciosas contribuições.

À Gleidy, pela ajuda inestimável.

Ao José de Arimathéia, pela amizade e pelas contribuições.

A todas as pessoas não nominadas (e são tantas!!) que com sua boa vontade contribuíram de uma forma ou de outra para a realização deste trabalho.

E ao “Ser Superior”, por permitir tudo isso.

SOUZA, Solange Staciaki de. **Medicina caseira paranaense**: um estudo geolingüístico. 2005. 108f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

Esta dissertação estabeleceu como objetivo principal fazer um estudo das variantes léxicas do campo semântico das plantas medicinais no Estado do Paraná, a partir dos *corpora* do Atlas Lingüístico do Paraná (i) oral (AGUILERA, 1990a, inédito), (ii) impresso (AGUILERA, 1990b, inédito), e o Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994). Para atingir o objetivo proposto, fez-se necessário mapear essas variantes, que correspondem às respostas das questões de números 88 a 103 do Questionário do ALPR. Esse procedimento permitiu justificar, com fundamentos sócio-históricos e lingüísticos, o porquê da denominação de algumas plantas serem diferenciadas de região para região (no caso específico desta pesquisa, os 65 pontos selecionados para a elaboração do ALPR). O trabalho apresenta, também, uma discussão dessas mesmas variantes no vocabulário das plantas medicinais do ponto de vista diatópico e diassexual. Apresenta, ainda, a interdependência língua/cultura/sociedade na configuração do léxico paranaense, evidenciando a presença de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos na estruturação do significado.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Atlas Lingüístico do Paraná. Variantes lexicais.

SOUZA, Solange Staciaki de. **Paranaense's homelike medicine: a geolinguistic study.** 2005. 108f. Dissertation (Master's degree in Studies of the Language) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ABSTRACT

This paper established as a main objective to estudy the lexical variants of the semantic field of the medicinal plants in the State of Parana, starting from the corpora of the Linguistic Atlas of Parana (i) oral (AGUILERA, 1990a, unpublished), (ii) printed paper (AGUILERA, 1990b, unpublished), and the Linguistic Atlas of Parana - ALPR (AGUILERA, 1994). To reach the proposed objective, it was necessary to map those variants, that correspond to the answers of the subjects numbers 88 to 103 of the Questionnaire used on the ALPR. That procedure allowed to justify, with social-historical and linguistic foundations, the reason of denomination used to some plants be differentiated of area for area (in the specific case of this research, the 65 places selected to ALPR elaboration). This work presents, also, a discussion of those same variants in the medicinal plants vocabulary influenced by the place (diatopic) and genre (diasexual) issues. And it presents too, the interdependence between language / culture / society in the configuration of the regional lexical, evidencing the presence of linguistic and extra-linguistic factors in the structuring of the meaning.

Keywords: Medicinal plant. Linguistic Atlas of Parana. Lexical variants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carta 1 Erva-doce	52
Figura 2 – Carta 2 Erva-de-santa-maria	54
Figura 3 – Carta 3 Sabugueiro	56
Figura 4 – Carta 4 Sabugueiro	58
Figura 5 – Carta 5 Ipê.....	60
Figura 6 – Carta 6 Rubim	62
Figura 7 – Carta 7 Guiné	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	15
1.3 METODOLOGIA.....	16
2 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	18
3 TRATAMENTO DOS DADOS	22
4 REFERENCIAL TEÓRICO	25
4.1 A LINGÜÍSTICA.....	25
4.2 A GEOLINGÜÍSTICA	26
5 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E DAS CARTAS	41
5.1 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	41
5.1.1 Sobre a questão 88.....	41
5.1.2 Sobre a questão 89.....	42
5.1.3 Sobre a questão 90.....	43
5.1.4 Sobre a questão 91	44
5.1.5 Sobre a questão 92.....	45
5.1.6 Sobre a questão 93.....	45
5.1.7 Sobre a questão 94.....	46
5.1.8 Sobre as questões 95, 96 e 97	46
5.1.9 Sobre a questão 98.....	47
5.1.10 Sobre a questão 99.....	48
5.1.11 Sobre a questão 100.....	48
5.1.12 Sobre a questão 101	49
5.1.13 Sobre a questão 102.....	49

5.1.14 Sobre a questão 103.....	50
5.2 DESCRIÇÃO DAS CARTAS	50
6 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DOS DADOS E SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA CIENTÍFICA.....	65
7 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COM BASE NA VARIÁVEL DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA	87
8 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS E SUA RELAÇÃO COM AS VARIÁVEIS SOCIAIS	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS.....	97
ANEXO	101

1 INTRODUÇÃO

O uso terapêutico de plantas medicinais é um hábito identificado em praticamente todas as civilizações ou grupos culturais conhecidos desde os primórdios da humanidade. No passado, as plantas representavam a principal arma terapêutica conhecida, e sua intensa utilização resultou em conhecimentos empíricos que foram transmitidos de geração para geração e que há alguns anos vêm sendo objeto de estudo em laboratórios farmacológicos.

A Medicina caseira sempre fez parte da minha vida, e plantas como hortelã, maçanilha e erva-doce me são bastante familiares, pois, desde criança vivendo em cidade de interior, conheci benzedores e curandeiros que tratavam de forma alternativa as doenças infantis. E todos em minha cidade, sem distinção de crença religiosa ou de nível social, não deixavam de recorrer a chazinhos caseiros receitados pela mãe ou pela avó, ou de praticar determinadas 'simpatias' para prevenir ou curar doenças.

Atualmente, a aceitação da medicina caseira cresceu, bem como inúmeros centros de pesquisa e os pesquisadores estão investindo na testagem e na comprovação das propriedades terapêuticas de milhares de ervas da flora brasileira, de tal forma que, saindo do perímetro rural ou das cidades de interior, verifica-se que, sobretudo, as pessoas dos grandes centros estão alternando o uso de remédios industriais, substituindo-os pelos produtos naturais.

Nesse contexto, a geolingüística, como parte ou método da dialetologia, dá a sua contribuição ao investigar formas de expressões próprias de determinadas áreas geográficas, para designar objetos, seres, hábitos, atitudes,

crenças ou credences, privilegiando, na coleta de dados, questões que envolvem a relação do homem com a natureza. Estudiosos como Montes-Giraldo (1996), um dos autores do Atlas Lingüístico e Etnográfico da Colômbia, reconhecem a importância da coleta de dados das práticas de medicina caseira para descrição da linguagem de determinadas comunidades de fala. Montes-Giraldo (1996, p. 524) destaca que, na América Latina, vale a pena recolher elementos da tradição popular e, mais especificamente, no que se refere à etnomedicina, para a elaboração de atlas lingüísticos. O dialetólogo reconhece que esse continente, com seu grande acervo de culturas populares em que se entrecruzam elementos europeus, ameríndios, africanos, e ainda de outras procedências, é um repositório desses saberes, que podem proporcionar orientações para a descrição da história da língua. Cabe aos cientistas a grande tarefa de decifrar o conhecimento popular, preservá-lo e beneficiar-se dessa riqueza.

Além desse fator que, em parte, é responsável pelo meu interesse na realização deste trabalho, há um segundo e um terceiro. O segundo diz respeito ao Projeto Florestas Mediciniais – Fundação Rureco/Unicentro – desenvolvido no município de Turvo, a 40 km de Guarapuava. Este município apresenta o mais baixo nível de desenvolvimento humano (IDH) do Paraná e, ao mesmo tempo, é uma das regiões mais ricas em florestas nativas, pois concentra uma das maiores reservas de araucária do Brasil. No entanto, essas matas correm o risco de desaparecer, pois, diante da situação de pobreza e de desinformação em que vivem as pessoas do local, a única fonte de renda é o desmatamento. As madeiras, muitas vezes clandestinas, exploram a natureza e as pessoas da região de forma predatória.

Diante desses fatos, um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Guarapuava – UNICENTRO –, juntamente com uma organização não-

governamental – RURECO –, preocupado com o estado de degradação dessa região, resolveu trabalhar com pequenos grupos, ensinando e orientando no manejo de plantas medicinais, para que as pessoas pudessem mudar a situação de suas vidas, pois as plantas poderiam gerar renda, uma vez que o comércio desses produtos se expande gradativamente.

Hoje, o projeto já comemora resultados. Basta citar que alguns grupos, principalmente os de mulheres, já estão exportando produtos (plantas medicinais em forma de sachês) para a Holanda e a Suíça. O fato de destaque para o grupo de mulheres justifica-se, nesse caso, por serem elas as mais próximas dos problemas de saúde tipicamente femininos ou infantis.

O terceiro fator de motivação para esta pesquisa refere-se ao contato com o Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR – (AGUILERA, 1994), durante as aulas de Dialetologia e Geolingüística, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Esse contato levou-me a refletir sobre vários aspectos, como: i) a importância das plantas e de outras práticas medicinais caseiras no cotidiano das pessoas da zona rural; ii) a necessidade de registrar dados da linguagem oral que reflitam, em um determinado momento, a cultura transmitida de geração a geração, sem interferência da escrita; iii) o interesse em estudar as diferentes designações dessas plantas que surgiram na fala dos informantes. Por outro lado, verificamos, em sala de aula, que havia uma série de perguntas do Questionário do ALPR que não havia sido mapeada nem analisada e que seria importante desenvolver este trabalho e mostrá-lo à comunidade científica.

Esses foram os fatores que me conduziram à realização desta dissertação, que tem como proposta conhecer, analisar e discutir a distribuição

diatópica das variantes lexicais para as plantas medicinais e práticas caseiras de medicina, com base nos dados do ALPR (AGUILERA, 1994).

Para a consecução de nossa proposta, com os dados analisados e discutidos, procedemos à elaboração de um glossário e à cartografia dos dados.

Serviram de fonte os dados recolhidos para o Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994) e os dados dos bancos: digitado (AGUILERA, 1990a), impresso (AGUILERA, 1990b) e sonoro (AGUILERA, 1990c), materiais estes que se encontram na biblioteca da Sala 169 do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina (CCH – UEL).

1.1 JUSTIFICATIVA

Existem, ainda, na região central do Paraná, grandes áreas cobertas de florestas nativas, apesar do crescente desmatamento processado nos últimos duzentos anos.

Essa região, bem como toda a região sul, sudoeste e oeste do Paraná, durante o final do século XIX e primeira metade do XX, foi destino de intensas levas de imigrantes eslavos, germânicos e outros grupos europeus do ramo românico, como italianos, espanhóis e portugueses. Nessas florestas, cresce, naturalmente, uma grande variedade de plantas medicinais. E mantém-se uma grande variedade de nomes para essas plantas, em seu início, de base tupi, como ipecacuanha, ipê, catuaba, e, posteriormente, de base portuguesa, trazida pelos primeiros povoadores europeus. As trocas étnicas entre suíços, alemães, italianos, ucranianos, poloneses e tantas outras culturas certamente iriam contribuir para a

diversidade e para a evolução da língua. Bem como, em alguns casos, caracterizar-se como fator de dúvidas, pois os nomes populares das plantas medicinais refletem as variantes regionais. Por esse motivo em especial, o trabalho da organização de glossários, estabelecendo relações dos nomes científicos e nomes populares, contribui significativamente com os estudos na área de plantas medicinais.

Um dos resultados desses contatos e dessa miscigenação é a construção de uma diversificada forma de tratamento das doenças, com base na utilização de muitas plantas medicinais e variadas receitas. Outro seria a contribuição significativa no vocabulário das pessoas que habitam essa região, uma vez que o vocabulário acompanha e reflete as transformações sociais e culturais da sociedade.

Assim é que, ao fazer a história das palavras, muitas vezes os lingüistas fizeram simultaneamente a história da sociedade, posto que no vocabulário estão sintetizados a vida, os valores e as crenças de uma comunidade social. Como bem dizia Matoré (1953, citado por BIDERMAN, 1984, p. 308-399), “a palavra é uma testemunha”.

Nesse raciocínio, o patrimônio de um povo é também o que fica na memória de sua gente, em suas manifestações culturais, nos processos artesanais, em conhecimentos, crenças e tradições. E esse patrimônio deve ser registrado, descrito e analisado para que possamos compreender o universo lingüístico do ‘sujeito’ das sucessivas gerações que ocuparam o mesmo espaço em épocas e circunstâncias tão diversas.

Para a documentação da linguagem oral de comunidades ágrafas ou semiletradas, pode-se recorrer a vários expedientes: um deles é a gravação magnetofônica (fitas cassete) e, mais modernamente, por meio digital (CD-ROM e

mini discs). Uma vez feita a gravação oral, é necessário registrar graficamente os dados, e isso também se faz de maneiras diversas: por meio de enciclopédias, dicionários, glossários, vocabulários, cartas geolingüísticas, entre outras. Dentre essas, optamos pelo glossário e pelo mapeamento geolingüístico.

Dessa forma, nossa proposta de organizar um glossário das variantes de nomes de práticas medicinais no Paraná, relatadas no ALPR, revela-se uma forma eficaz de registrar e manter a memória do povo através da linguagem, pela facilidade de busca dos itens lexicais pela ordem alfabética de cada erva ou prática de medicina caseira. A elaboração de cartas geolingüísticas, por sua vez, traz a vantagem de permitir a visualização rápida das diversas variantes que recobrem determinado espaço geográfico.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

- Conhecer, analisar e discutir a distribuição diatópica das variantes lexicais para as plantas medicinais e práticas caseiras de medicina, relatadas no ALPR.

1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever o universo cultural relativo às práticas populares mais freqüentes para tratar de doenças como: verminose, ou “bicha de criança”, ou “criança assustada”; sarampo, machucaduras ou “carne magoada”; feridas expostas; dores de cabeça, nervosismo; além de práticas para “atrair a sorte” e para evitar o mau-olhado;
- Mapear as variantes léxicas do vocabulário das práticas de medicina caseira correspondentes aos registros inéditos das respostas ao questionário do ALPR de números: 88) *erva-doce* (semente para chá contra dor de barriga); 90) *erva-de-santa-maria* (erva contra “bichas” das crianças); 93) *sabugueiro* (chá para arrebentar sarampo); 98) *arruda* (planta para espantar mau-olhado); 99) *ipê* (árvore de flores amarelas ou roxas), 101) *rubim* (planta para fazer emplastro); 102) *guiné* (planta para dar sorte), 103) *outras plantas medicinais*;
- Analisar as diferenças e semelhanças entre o acervo lexical de jovens e de idosos com relação à medicina caseira;
- Estabelecer as diferenças de ordem diatópica;
- Organizar um glossário das variantes de nomes de plantas e práticas medicinais recorrentes no interior do Paraná;

- Verificar a influência das variáveis extralingüísticas: distribuição espacial dentro do território paranaense e sexo (gênero) do informante;
- Verificar, do ponto de vista léxico-semântico, a presença/ausência da variante lingüística em dicionários brasileiro (Ferreira, 2004) e português (Morais Silva, 1949-1959), Dicionário de Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo (1972) e as propriedades medicinais registradas;
- Comparar o uso popular de cada uma das ervas, plantas ou práticas com o indicado nos dicionários e na publicação Florestas Medicinais – Projeto RURECO/UNICENTRO.

1.3 METODOLOGIA

Para elaborar esta dissertação, percorremos os seguintes caminhos:

- i) levantamento dos dados das respostas dadas ao Questionário do ALPR pelos 130 informantes distribuídos pelas 65 localidades paranaenses, segundo a variável sexo (gênero) e faixa etária;¹
- ii) tabulação dos dados segundo a ordem decrescente de produtividade;
- iii) composição do elenco de designações documentadas ou de outras ervas ou práticas segundo cada uma das propriedades medicinais relatadas;
- iv) cartografia dos dados;
- v) composição do glossário;
- vi) análise e discussão dos dados do ponto de vista das variáveis extralingüísticas distribuição diatópica e sexo;

¹ Embora o ALPR não tenha trabalhado com a variável faixa etária, uma vez que os informantes foram selecionados em uma única faixa (30 a 65 anos), para esta dissertação, estabelecemos duas classes: a dos mais jovens, entre 30 e 45 anos e a dos mais idosos, a partir de 46 anos.

vii) busca, em obras lexicográficas brasileiras e portuguesa, bem como o que foi registrado na publicação Florestas Medicinais/Projeto RURECO, da definição e descrição de cada uma das variantes registradas.

2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Os dados foram levantados a partir de respostas dadas ao Questionário do ALPR, relativamente ao subcampo semântico plantas medicinais, de números 88 a 103.

É importante lembrar que o Questionário utilizado para a coleta de dados do ALPR contém 325 perguntas distribuídas por dois grandes campos semânticos: Terra e Homem. O primeiro compreende os seguintes subcampos: a) Natureza: fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.; b) Flora: árvore, frutos, etc.; c) Plantas Medicinais; d) Fauna: aves, pássaros, animais, etc.. O segundo envolve os subcampos: a) Partes do Corpo: funções, doenças, etc.; b) Vestuário e calçados; c) Agricultura, instrumentos agrícolas, etc.; d) Brinquedos e jogos infantis; e) Lendas e superstições.

O subcampo Plantas medicinais, constituído de 16 questões, apresenta a seguinte particularidade: nove investigam ervas e plantas com propriedades medicinais: *erva-doce*, *erva-cidreira*, *erva-de-santa-maria*, *camomila*, *hortelã*, *sabugueiro*, *alecrim*, *rubim* e uma questão aberta (a de nº 103) em que o informante é instado a falar das outras plantas usadas em seu ambiente para prevenir ou curar outros males; quatro questões (nº 94, 95, 96 e 97) buscam os nomes de temperos ou condimentos caseiros: *cravo*, *canela*, *alho* e uma questão aberta para *outros temperos para comida*; duas questões investigam as propriedades de determinadas plantas para *afastar mau-olhado* e *atrair sorte* (nº 98 e 102, respectivamente). A questão 99, no enunciado, buscava simplesmente *árvore de flores amarelas ou roxas* e, como sugestão, apresentava unicamente a variante

ipê. Embora o enunciado não remetesse a qualquer referência a propriedades medicinais, as respostas dadas revelaram informações de interesse para este estudo.

Analisando as respostas e os comentários feitos pelos informantes em cada uma das questões, foi possível selecionar os que eram pertinentes ao nosso propósito. Assim, a *canela* – *Cinnamomum zeylanicum* (questão 95), o *alho* – *Allium sativum* (questão 96) e *outros temperos para comida* (questão 97), por não trazerem informações sobre as propriedades medicinais dos condimentos usados no preparo dos alimentos, foram descartados, não sendo objeto de estudo deste trabalho. É bastante conhecida a propriedade medicinal do *alho* no tratamento de gripes e resfriados, mas o Questionário do ALPR não as explorava e, assim, também foi descartado.

O Quadro a seguir permite a visualização da seleção adotada para a pesquisa:

Quadro 1 – Seleção das designações e variantes adotadas para a pesquisa

N.º da Questão	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
88	semente para chá contra dor de barriga	erva-doce <i>(Pinpinella anisum)</i>	erva-doce, camomila, maçanilha, marcelinha, poejo, hortelã, funcho,	Não	funcho
89	folha para chá contra nervosismo	erva-cidreira <i>(Melissa officinalis)</i>	erva-cidreira, capim cidreira, capim santo, capim cidró, capim limão, cidrão	Sim (Cartas 47 e 48 – lexicais / Carta 171 – sintéticas)	
90	Erva contra “bichas” das crianças	erva-de-santa-maria <i>(Chenopodium ambrosioides Linné)</i>	erva de santa maria, chá de raspa de chifre, erva de erva-de-são-joão, erva de santana, poejo, hortelã	Não	erva de santa maria

Quadro 1 – Seleção das designações e variantes adotadas para a pesquisa

N.º da Questão	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações registrada(s)	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
91	chá contra cólica	camomila (<i>Matricaria recutita</i>)	camomila, maçanilha	Sim (Carta 49 – lexical / Carta 172 – sintética)	camomila, maçanilha
92	chá para criança assustada	hortelã (<i>Curcuma zedoária</i>)	hortelã, puejo, alevante, alho, hartelã, erva de são juão, alicrin, carquejo, hartelão, hortelã cum chifre, erva-doce,	Sim (Carta 111 – fonética)	hartelã
93	chá para arrebentar sarampo	sabugueiro (<i>Sambucus nigra</i>)	sabugueiro, palha roxa, jasmim (de cachorro), poejo, canela, cravo, folha de laranja, maçanilha, malva, eucalipto, vassourinha.	Não	
94	Cravo	cravo	canela, clavo, nó- noscada,	Sim (Carta 110 – fonética)	
95	Canela	canela (<i>Cinnamomum zeylanicum</i>)	cravo, caneli.	Não	
96	Alho	alho	Cebola, pimenta, sarsa, aio,	Não	
97	outros temperos para comida	outros temperos para comida	Salsinha, cebola de cabeça, cebolinha verde, pimenta, sal,	Não	
98	planta para espantar mau-olhado	arruda (<i>Ruta graveolens</i>)	arruda, guiné, alecrim, comigo- ninguém-pode, manjerição, espada de são Jorge, hortelã, erva de santa maria, palha de alho,	Não	
99	árvore de flores amarelas ou roxas	Ipê	Ipê	Não	
100	planta para males do coração	alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i>)	Alecrim, alicrim, licrim, arruda,	Sim (Carta 97 – fonética)	alicrim, licrim,

Quadro 1 – Seleção das designações e variantes adotadas para a pesquisa

N.º da Questão	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações registrada(s)	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
101	planta para fazer emplastro	rubim <i>(Leonorus nepetaefolius Mill, Phlomis nepetaefolia Linné, Stachys mediterrânea Vell)</i>	Rubim, mentruiz,	Não	
102	planta para dar sorte	guiné <i>(Petiveria alliacea)</i>	Guiné, comigo-ninguém-pode, arruda, alecrim	Não	
103	outras plantas medicinais	outras plantas medicinais	capim-santo, poejo, hortelã, erva-doce, folha de laranja, folha de abacate, limão, limão com romã.	Não	

Obs.: Colocamos sob a denominação ‘variantes registradas’ tanto as variantes lexicais para o mesmo referente como as ocorrências de outras plantas ou práticas indicadas para a mesma finalidade buscada.

Como se pode verificar, embora buscássemos apenas plantas medicinais, a pesquisa indicou outras práticas e usos de outros elementos da natureza, como a pólvora, o fogo, as simpatias, as benzeduras, entre outros, na prevenção e na cura de determinadas moléstias. Dado o interesse etnolingüístico de tais práticas, foram incluídas em nossa descrição e análise.

3 TRATAMENTO DOS DADOS

Uma vez feito o levantamento dos dados, conforme Quadro I, seguiu-se o mapeamento das variantes, isto é, a constituição das cartas geolingüísticas. Para a consecução deste objetivo, desenvolvemos as seguintes etapas:

- 1) Mapeamento das variantes léxicas correspondentes aos registros das respostas ao questionário do ALPR, referentes ao subcampo *plantas medicinais*, inseridas no campo Terra. Trata-se, como se pode observar no Quadro 1, das questões de número 88 a 103, das quais mapeamos e analisamos as de número: 88 – *erva-doce* (semente para chá contra dor de barriga); 90 – *erva-de-santa-maria* (erva contra “bichas” das crianças); 93 – *sabugueiro* (chá para arrebentar sarampo); 98 – *arruda* (planta para espantar mau-olhado); 99 – *ipê* (árvore de flores amarelas ou roxas), 101 – *rubim* (planta para fazer emplastro); 102 – *guiné* (planta para dar sorte); 103 – *outras plantas medicinais*;
- 2) Análise das questões excluídas e que já estão mapeadas no ALPR: questão nº 89, erva-cidreira (e outras designações para) carta nº 47 e questão nº 89 capim-cidreira (e outras designações para) carta nº 48; questão nº 91, camomila, carta nº 49.
- 3) Dentre essas questões, como demonstra o Quadro referido, estão mapeadas as de número 89, 91, 92, 94, que correspondem às cartas *erva e capim cidreira, camomila/maçanilha, hortelã e*

cravo. As demais, de números 89 (erva-doce), 90 (ervas contra “*bichas*” das crianças); 93 (chá para arrebentar sarampo); 98 e 99 (árvore de flores amarelas ou roxas), 101 (planta para fazer emplastro) 102 (plantas para espantar mau-olhado e/ou trazer sorte) e 103 (outras plantas medicinais) serão cartografadas, seguindo a mesma metodologia adotada no ALPR por Aguilera (1994). Observe-se que foram investigados 65 pontos ou localidades no Paraná, em cada um dos quais foram entrevistados dois informantes, isto é, um masculino e um feminino.

Esse mapeamento permitiu aprofundar a análise das variantes registradas e serviu de base para a descrição do universo cultural relativo às práticas populares mais freqüentes para tratar das doenças citadas, inclusive às práticas para ‘atrair a sorte’ e para evitar o mau-olhado.

Uma vez descrito o *corpus*, foi possível: (i) analisar as diferenças e semelhanças entre o acervo lexical de homens e de mulheres com relação à medicina caseira; (ii) estabelecer diferenças de ordem diatópica quanto à denominação de algumas plantas serem diferenciadas de região para região (no caso específico da pesquisa, os 65 pontos selecionados por ocasião da elaboração do ALPR).

Precedendo as etapas referidas no início deste capítulo, fizemos um levantamento de obras e artigos referentes à relação entre medicina caseira e geolingüística, a fim de embasar a discussão.

Além das cartas lexicais de números 47, 48, 49 do ALPR (AGUILERA, 1994) e das fonéticas números 97, 110 e 111, recorreremos ao acervo

digitado, armazenado em disquetes, que contém as 130 entrevistas realizadas em todo o território paranaense, e que ainda se encontra inédito (AGUILERA, 1990a). Trata-se do *corpus* para a tese de doutorado de Aguilera, o qual também serviu de fonte para a constituição do *corpus* desta dissertação. Do ALPR digitado (AGUILERA, 1990a), selecionamos as respostas dadas às questões: nº 88, *semente para chá contra dor de barriga*; nº 90, *erva contra bichas das crianças*; nº 93, *erva utilizada para arrebentar sarampo*; nº 98, *planta para espantar mau-olhado*; nº 99, *árvore de flores amarelas ou roxas*; nº 101, *planta para fazer emplastro*; nº 102, *planta para dar sorte*; e nº 103, *outras plantas medicinais*.

Uma vez selecionadas as questões não mapeadas no ALPR, procedemos à tabulação dos dados registrados na fala dos 130 informantes do ALPR, separando-os com base na variável sexo, com a finalidade de facilitar a cartografia das variantes e sua posterior análise.

As questões já mapeadas por Aguilera (1994) servirão de base para a composição do glossário.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A LINGÜÍSTICA

A lingüística, hoje, é constituída por duas grandes correntes de estudo: o gerativismo e a sociolingüística.

O gerativismo se preocupa basicamente com o conhecimento lingüístico internalizado de um falante-ouvinte ideal. Em outras palavras, o gerativismo se preocupa com a caracterização da “faculdade da linguagem”, um dos componentes da mente. Segundo esse modo de ver a lingüística, os fatores sociais responsáveis pelas variações e mudanças lingüísticas não são objetos de estudo relevantes. O gerativismo privilegia o estudo das restrições impostas pelo cérebro às variedades de línguas existentes. As línguas teriam propriedades comuns e particularidades. Duas são as metas do gerativismo, segundo Chomsky (1986): caracterizar o conhecimento internalizado do falante e o processo de aquisição desse conhecimento. O estudo do conhecimento internalizado do falante (competência lingüística) se dá através dos dados do desempenho (os dados lingüísticos). No entanto, como afirma Chomsky (1965-1975), o desempenho não reflete necessariamente a competência lingüística do falante.

A sociolingüística, por outro lado, é a corrente que tem como objetivo fundamental estudar a interferência de variáveis sociais na fala. Fatores internos, estruturais ou psicológicos, não são, segundo Labov (1972), relevantes para os pesquisadores que compõem a comunidade dos sociolingüístas. Para estes, variáveis como região geográfica, nível de escolaridade, grupo étnico, nível sócio-

econômico e sexo constituem o que de mais fundamental existe para uma boa caracterização dos fenômenos lingüísticos. Utilizando-nos do jargão chomskyano, poderíamos afirmar que a sociolingüística investiga as variáveis sociais que interferem no desempenho lingüístico de um falante.

O peso que a variável sexo tem entre os fatores sociais só agora vem sendo discutido. Segundo Lopes e Oliveira (1995) apud Coulthard (1991), não há mais dúvida de que homens e mulheres não falam exatamente da mesma maneira. Callou (1987) afirma já ter sido demonstrado que a variável sexo é um fator condicionante da heterogeneidade dialetal. Segundo Lopes e Oliveira (1995) apud Labov (1972) e Tarallo & Alkmin (1987) apontam o fato de as mulheres serem mais conservadoras lingüisticamente do que os homens. Já na zona rural, Labov não encontrou diferenças significativas de desempenho entre as falas do homem e da mulher. Mas se, por um lado, a fala da mulher parece estar mais próxima do padrão, por outro, é atribuído às mulheres o papel de propulsoras de mudanças lingüísticas.

4.2 A GEOLINGÜÍSTICA

A Geolingüística no Brasil ganha destaque em meados do século XX, quando surgiram as primeiras manifestações pela elaboração de um Atlas Lingüístico do Brasil. A partir dessas manifestações, algumas vezes em passos mais acelerados, ora mais lentos, muitas pesquisas foram e estão sendo desenvolvidas na busca de documentar realidades regionais, com diversificados trabalhos publicados em diferentes pontos do país.

De acordo com Cardoso (1998), um balanço da Dialetologia no Brasil apresenta um saldo positivo. Com a monumental extensão do nosso país, a unidade e a diversidade de usos do Português Brasileiro têm sido sempre questão da maior acolhida não só numa perspectiva estritamente lingüística, mas também num espectro mais amplo de interesses e serviços, considerando-se suas implicações sócio-históricas – unidade e diversidade – decorrentes. É impossível se pensar a unidade do Português Brasileiro sem o reconhecimento da diversidade de que, paradoxalmente, se reveste.

Sabe-se que os estudos que se iniciaram na primeira metade do século XIX detiveram-se nas diferenças léxico-semânticas entre áreas do Brasil e entre o nosso país e Portugal. A análise dos diferentes níveis em que se manifesta a língua conduziu a estudos que, sem descurar desse primeiro aspecto analisado, investiram na análise das diferenças e coincidências fonético-fonológicas, morfossintáticas e prosódicas. Com novo objetivo surgem, no início deste século, trabalhos de caráter monográficos – esparsamente localizados –, que vão delineando o perfil da língua em diferentes áreas. O confronto entre os resultados de tais investigações já aponta para traços específicos de áreas e, de certo modo, permite esboçarem-se limites entre fenômenos na tentativa de estabelecimento de isoglossas.

Percebendo-se o papel dos estudos dialetais para o conhecimento do Português Brasileiro, a segunda metade deste século tem assinalado a expansão de trabalhos nesse campo. Várias teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas nos mais diferenciados enfoques, no período de 50 anos, são resultado do interesse no campo da Dialetologia.

A prática da medicina caseira envolve o fenômeno lingüístico, uma vez que é através da linguagem que os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É também um fenômeno antropológico, pois reflete as diferenças culturais de determinado grupo. Assim, torna-se necessário definir certos termos que serão utilizados no decorrer desta dissertação, tais como: língua, cultura e medicina popular.

Entendemos que a noção de língua pressupõe um conjunto de variedades e essas variedades constituem-se em objeto de investigação de várias ciências. Segundo Dubois et al. (1978, p. 383), a língua nada mais é que um sistema de signos, cujo funcionamento é regido por muitas regras e coerções. Ela é o código que estabelece a relação de comunicação entre o receptor e o emissor.

De acordo com Lopes (1993), por ser um bem social, um contrato coletivo, a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados: cada um de nós já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas.

Ainda sobre a língua falada, Tarallo (1986) destaca: “língua falada é o veículo lingüístico de comunicação usada em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”.

E vai adiante: “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições e idéias sem a preocupação de como fazê-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestada à língua.” (TARALLO, 1986).

Sobre cultura, Schelling (1991) esclarece que poucos conceitos são de elucidação tão difícil quanto o conceito de cultura. Isso se deve, segundo suas pesquisas, não à dificuldade intrínseca de analisar um determinado fenômeno objetivo chamado “cultura”, mas à própria complexidade de sua história como conceito, que impossibilita qualquer acesso a seu significado.

Assim é que, seguindo sua história como conceito e distinguindo as diversas experiências que contribuíram para sua formação, se esclarecerão seus diferentes significados e as origens de uma série de conceitos de cultura.

O termo “cultura” é ele próprio cultural, à medida que, como produto de um desenvolvimento histórico, de um diálogo da sociedade consigo mesma, traz as marcas de sua formação. Partes desse diálogo social podem ser retraçadas até suas origens e fixadas dentro de diferentes “universos de discursos” – tradições e estruturas cognitivas determináveis –, nos quais o termo era utilizado para designar classes particulares de objetos e suas relações, para responder a diversas questões sobre a natureza da vida social.

Segundo Raymond Williams (apud SCHELLING, 1991), o termo “cultura,” como conceito controverso, surgiu inicialmente como resposta à emergência do industrialismo e da democracia política na Europa, durante os séculos XVIII e XIX. Antes desse período de transformação social, na civilização urbana da Inglaterra e da França que se seguiu à dissolução de ordem feudal, a cultura coincidia com o termo “civilização”. Os dois conceitos denotavam um ideal humanista positivo do desenvolvimento humano, possibilitado pelo poder iluminador da razão, que se realizava pela criação de uma ordem natural e racional, de um modo civilizado. O ideal do desenvolvimento secular do homem erguia-se em oposição à ordem teocrática da Idade Média.

Mas, a seguir, a cultura começou a ser considerada à parte e em contraposição à civilização. Esse afastamento gradual dos dois termos foi um sintoma de declínio da crença no ideal iluminista do conhecimento, como um grande corpo cumulativo de conhecimento abstrato sistemático, criticado por sua dissociação do processo orgânico e concreto da vida e por sua concepção abstrata e desencarnada de razão. Simultaneamente, a sociedade era criticada pela vacuidade de seus ideais civilizatórios, de suas formas de educação e excessivo refinamento, ao passo que a moral, brotando de um autêntico impulso interior, estaria sendo progressivamente minada pela artificialidade e injustiça na França absolutista.

Esse ataque à civilização ilustra a brecha que começava a se abrir entre os conceitos de cultura e civilização. Em oposição à concepção iluminista da história como processo civilizatório universal das trevas para a luz, da irracionalidade, que deveria culminar na sociedade contemporânea, o Movimento Romântico enfatizava os costumes e artes qualitativamente diversos das culturas nacionais. Assim, gradualmente passou-se a pensar a civilização não mais como expressão de um ideal de desenvolvimento e crescimento, mas como uma forma “meramente” material e exterior de desenvolvimento, sem relação necessária com o progresso da vida interior e espiritual do homem. Ao invés dela, foi a cultura que se tornou a metáfora para esse processo de crescimento.

Com o surgimento do industrialismo, a racionalização do trabalho, o desenvolvimento do capitalismo e a correspondente concepção do homem como *homo economicus* nas teorias sociais dos economistas políticos, esta oposição se acentuou ainda mais. A cultura se tornou guardiã dos valores da humanidade, em contraste com o efeito desumanizador da perda da comunidade e do predomínio do

princípio de troca. Desenvolveram-se esferas específicas nas quais essa vida interior negligenciada poderia se objetivar: as artes, as ciências humanas e a religião, onde se possibilitava o desenvolvimento daquelas qualidades e faculdades que caracterizavam a humanidade. Essas eram as áreas reservadas onde a subjetividade e a imaginação poderiam encontrar um meio especializado de expressão, a elas negado nas instituições externas da sociedade: o sistema fabril e as crescentes burocracias.

De forma semelhante, em contraste com a progressiva mecanização da vida e da mentalidade quantificadora que a acompanhava, a cultura continuou a julgar por critérios qualitativos e a gerar modelos de perfeição. Assim, à medida que se expandia a sociedade industrial, a cultura passou a ser cada vez mais considerada como esfera “superior” e separada do progresso técnico da “civilização”. Dessa forma, a cultura, a vida da comunidade baseada na religião e costumes compartilhados, é contraposta ao modo de relacionamento egoísta e instrumental da civilização contemporânea.

O conceito de cultura era utilizado para designar tanto uma denúncia quanto uma alternativa à sociedade. Essa idéia de cultura como arte, literatura, esfera superior e destacada da sociedade, tornou-se uma espécie de defesa compensatória da subjetividade e das noções correlatas de criatividade, imaginação e espontaneidade.

Na tentativa de salvaguardar uma área onde o homem é visto como um fim em si mesmo, a cultura, ao se tornar um ramo especializado da atividade humana, reconheceu sua própria impotência frente à progressiva racionalização e mecanização da vida e, assim, involuntariamente contribuiu para a manutenção de uma condição social contra a qual originalmente se erguera. Nesse processo,

porém, ela também criou uma plataforma de onde se poderiam criticar a sociedade e suas instituições. Assim, os efeitos desse desenvolvimento por um lado, foram que, ao ser integrada como um compartimento especializado da sociedade, a cultura perdeu seu poder crítico, mas, paradoxalmente, por outro lado, ela o manteve, ao declarar seu próprio princípio como mais verdadeiro que o da forma dominante da sociedade e, portanto, como fundamentalmente separado dela.

Um segundo conceito de cultura, de acordo com os estudos de Schelling (1991), para o qual contribuiu o desenvolvimento do pensamento socialista, foi o da cultura constituindo “todo um modo de vida”. As origens dessa noção também brotam da reação romântica ao Iluminismo. Em oposição às categorias analíticas e generalizadoras dos sistemas científicos do Iluminismo, ele postulava uma compreensão genética da realidade social como uma totalidade abrangente na qual se expressava o crescimento orgânico das culturas nacionais e a complexidade de sua expressão individual em suas crenças e costumes e em todo seu modo de vida.

Essa corrente deu origem ao que se conhece como conceito diferencial ou antropológico de cultura. A cultura se torna um substantivo coletivo para padrões de comportamento socialmente adquiridos através da tradição: linguagem, costumes, crenças e instituições. Torna-se um processo social modelando diferentes modos de vida, constituindo uma totalidade complexa.

Outros desenvolvimentos posteriores na história da Europa nos séculos XVIII e XIX contribuíram para a criação do conceito antropológico de cultura, conceito este que foi influenciado, em primeiro lugar, pela tradição oitocentista alemã. De acordo com ela, a sociedade constituía uma cultura na medida em que era uma comunidade espiritual de significados partilhados. Alcançar-se-ia o

conhecimento do mundo humano não através da análise causal, como nas ciências naturais, mas através da compreensão da ação humana e suas objetivações em um mundo inteligível de significados, intenções e valores.

Finalmente, deve-se considerar uma terceira tradição de importância notável na formação do conceito de cultura: a tradição metafísica do idealismo alemão. Os sistemas filosóficos elaborados pelo idealismo alemão, particularmente a obra de Kant e de Hegel, constituíram uma tentativa de alcançar um domínio conceitual unificado sobre a realidade e a experiência em sua totalidade (SCHELLING, 1991, p. 29).

De acordo com Kant (apud SCHELLING, 1991), a realidade pode ser dividida entre mundo sensível e mundo inteligível. A estrutura transcendental da razão *a priori* constitui o primeiro como mundo empírico, sujeito a leis, e o segundo como mundo dos valores inteligíveis. Posteriormente, no final do século XIX, esse dualismo viria a formar a base para a distinção metodológica entre as ciências naturais e as ciências culturais, entre a explicação e a compreensão.

Na visão antropológica, a cultura constitui um meio especificamente humano, um mundo supra-orgânico, que surge como resultado da incompletude do homem em sua capacidade puramente biológica, pela qual se distingue do animal. A cultura, portanto, não é só aquilo que diferencia um “modo de vida” em relação a outro, como também corresponde à capacidade específica do gênero humano de criar um meio artificial. Assim, a própria possibilidade da cultura é o atributo genérico do homem; ela concerne àquelas propriedades da espécie humana que delimitam as fronteiras do humano.

De acordo com Schelling (1991 apud ZYGMUNT BAUMAN), essa capacidade genérica para a cultura se radica na capacidade humana da linguagem,

que não deve ser confundida com a capacidade de formação de símbolos, também presente nos animais. A linguagem humana abrange especificamente a combinação de símbolos capazes de expressar relações entre coisas, indivíduos e acontecimentos. Devido a essa capacidade de criar novas combinações de símbolos e estruturas de relações, os seres humanos são capazes de invenção e criatividade, de estruturar e desestruturar, de formar novas sínteses com o material fornecido pelo contexto do meio natural e social.

Esse atributo humano genérico de estruturar e ser estruturado encontra-se na base do conceito de cultura como práxis, pois, através da práxis, o homem não só se adapta ao mundo, com também o transforma. Essa transformação ocorre em dois níveis: no nível de interação do homem com a natureza e no de ser da natureza, modificando o ambiente natural com o uso de ferramentas.

Muito se tem falado e escrito sobre cultura popular, mas ainda não é o suficiente porque, apesar de todo estudo, ainda não há consenso no uso desta expressão. Ferreira (2004) define cultura em seu uso corrente como significando saber, estudo, elegância, esmero, conhecimento, informação; ela evoca os domínios da filosofia, das ciências e das artes. Porém, quando se acrescenta o termo “popular”, entra-se num paradoxo entre “cultura” e “povo”, como se tudo o que viesse do “povo” fosse desprovido de saber. Basta olhar em nossa volta para perceber que são bastante diversificados os valores e conceitos vigentes na complexa sociedade.

O povo brasileiro representa a soma de várias etnias, cada uma com sua cultura, costumes e religião. Embora nos eduquem o tempo todo a termos um modo de vida civilizado – culto, não é possível prescindir dos objetos e práticas que são qualificadas como “populares”, pois o cotidiano é mesclado com esses costumes: samba, seresta, bumba-meu-boi, reisado, carnaval, curas e simpatias

entre outros. A escola, a igreja e a família são instituições formadoras do ser juntamente com os meios de comunicação de massa e têm a função de produzir e divulgar idéias como se fossem, ou devessem ser ou se tornar, os modos ideais de agir e de pensar de todos.

De modo geral, Rocha (2003) observa que tudo aquilo que esteja relacionado ao povo é qualificado como ingênuo, de mau gosto, indigesto, errado, pitoresco, ineficaz. Aqui, vale destacar as teorias etnocêntricas, quando relacionamos o aspecto cultural do etnocentrismo, o qual tende a julgar o “outro” em relação às normas e comportamentos do grupo social a que pertence. Corresponde a uma percepção da vida e da sociedade do observador, na qual seu próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através de valores, modelos e definições do que é a existência.

Esse termo “popular” representa um obstáculo pelo qual as outras sociedades são observadas em função da nossa, em geral, portador de preconceitos, que são manifestações de uma visão unilateral e deturpada da realidade social. Assim, pressupõe-se que a cultura popular surja como uma outra cultura, contrária ao saber culto dominante. Podem-se observar dois modelos de relação a partir da identidade entre grupos de “membros” com culturas diferentes: em uma, a identidade é vista exclusivamente pelo sistema de normas de sua própria cultura, onde o “diferente” é desvalorizado como incivilizado, inculto ou errado, e a outra, onde a cultura “diferente” atua como grupo de comparação crítica com relação às deficiências práticas do grupo central.

Deve-se atentar especialmente para o confronto das diferenças entre a “elite/culta” e “povo/popular” sobre a perspectiva antropológica.

Etnograficamente, o grupo do “eu”, em contraposição ao grupo do “outro” – diferente –, é aquele que é visto como o primitivo, o não civilizado e que se opõe ao desenvolvimento da civilização; por sua vez, o povo, em contraposição à elite – saber –, é a massa homogeneizada composta por várias camadas, o não saber. É necessário que haja um ponto de equilíbrio para unir esses dois extremos. Precisamos aprender com as diferenças do “outro”. A antropologia tem, por isso, como objetivo pensar sobre as diferenças culturais entre os povos, não radicalizando-a, mas sim, relativizando-a.

Então, como unir os opostos, “elite” e “povo”? Esse problema só poderá ser solucionado se a cultura passar a ser pensada no plural e no presente e que se parta de uma concepção não normativa e dinâmica. Devemos transformar a diferença em uma relação capaz de enriquecer a cultura do “eu” com aquilo que o “outro” tem de diferente. Melhor dizendo, conhecer a diferença, experimentando a própria “cultura popular” como diferente; em vez de ignorá-la, absorvê-la ou aprender com ela, pois, dessa forma, pode-se manter uma relação harmoniosa de contribuição mútua com começo, meio e fim.

A cultura popular relacionada à antropologia surge para intermediar a questão da “diferença” através de um processo harmonioso de reciprocidade como forma de entendimento, de diálogo entre povos, assim como a cultura popular busca dialogar com a cultura erudita. O ponto de partida usual do trabalho do antropólogo é a observação direta de indivíduos se comportando face a outros indivíduos e em relação à natureza.

Cultura é aqui entendida como a expressão das necessidades historicamente condicionadas de um grupo social e de seus indivíduos, e como referência à totalidade de características de uma sociedade.

No entanto, quando se faz referências a práticas culturais entra-se em um universo mágico que, para muitos cientistas, é contrário à ciência. Lévi-Strauss (1970), na obra *O Pensamento Selvagem*, objetiva provar que os sistemas classificatórios primitivos são tão lógicos quanto o exercício da ciência. Diz que esses sistemas não servem apenas como classificação utilitária – bom para comer, bom para curar –, servem principalmente para responder às exigências intelectuais. As coisas não são boas para comer ou para curar, elas são boas para pensar. E, neste universo, qualquer classificação é melhor do que a ausência de classificação.

“Os cientistas suportam a dúvida e a derrota, porque não podem agir de forma diferente. Mas a desordem é a única coisa que não podem nem devem tolerar [...]“ (LÉVI-STRAUSS, 1970 p. 23).

Sobre o papel da linguagem, Coseriu (1987) contribui quando diz:

[...] o falante se revela como pertencente a uma comunidade determinada historicamente ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela comunidade [...].

[...] A linguagem está sempre dirigida ao outro, inclusive como criação lingüística primária. A esse respeito se diz que a linguagem é um fato social e que a língua simplesmente ‘se impõe’ aos falantes. Na verdade, a linguagem é antes fundamento e, ao mesmo tempo manifestação primária do social, do ‘ser com o outro’ do homem, e a língua não é ‘obrigatória’ como imposição externa, mas como obrigação assumida [...]

Já para relacionar língua e cultura, Mattoso Câmara (1972, p. 21-22) merece ser mencionado.

[...] a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global.[...].

Assim, a língua é uma parte da cultura, mas se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente. É, portanto, através da língua

que se processa essencialmente o intercâmbio cultural na sociedade, e ela se torna o acompanhamento de cada fato cultural de duas maneiras – 1) dando-lhe um adiantamento lingüístico, como a oração na religião, as leis no direito, as regulamentações na indústria etc.; 2) propiciando a atuação uns com os outros dos membros participantes de uma atividade cultural, com as ordens, explicações, repasses de tradições etc..

Finalmente as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas, em grande parte, pela língua. Assim, uma língua em face do resto da cultura, é – 1) o seu resultado, ou sùmula, 2) o meio para ela operar, 3) a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe para tanto. A sua função é englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la através das gerações.

Para refletir o fenômeno antropológico no sentido das diferenças, é importante destacar o etnocentrismo, entendido, segundo Rocha (2003, p. 7), como uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.

Como nosso trabalho versa especificamente sobre o aproveitamento de plantas e ervas no tratamento/prevenção de doenças, além de outras práticas que chegaram até nós pela tradição oral, é interessante verificar como a medicina caseira é vista pelo olhar de alguns especialistas.

Oliveira (1985), sobre medicina popular, destaca:

medicina popular é um fenômeno complexo, que necessita de entendimento fragmentado. Primeiro, a medicina popular é uma prática que resiste politicamente e culturalmente à medicina acadêmica. Isto quer dizer que ela confronta seus conhecimentos, o seu arsenal de técnicas e a cultura da qual é parte, com a medicina praticada pelos médicos – a medicina erudita. A medicina popular é realizada em diferentes circunstâncias e espaços (em casa, em agências religiosas de cura) e por várias pessoas (pais, tios, avós), ou por profissionais populares de cura (benzedeiros, médiuns, raizeiros, ervateiros, parteiras, curandeiros, feiticeros).

Nesta perspectiva, a medicina popular é uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia. Ela aproxima e fortalece as relações sociais entre as pessoas, já que pressupõe ajuda e solidariedade. Além disso, ela é uma medicina barata, próxima e acessível.

Isso justifica a constante utilização das práticas de medicina caseiras por pessoas do meio rural, muitas vezes desprovidos de recursos financeiros, para utilizar a medicina acadêmica.

Ainda citando Oliveira (1985),

Por serem práticas sociais, nascidas no meio de relações entre os homens, feitas por eles e como respostas às suas necessidades, isto é, para eles, elas são permanentemente atualizadas. Por serem práticas fecundas e dinâmicas, elas são constantemente inventadas e reinventadas. Como parte de uma cultura originalmente rural e católica, as medicinas populares são deslocadas do campo para as cidades juntamente com o fenômeno das migrações.

Nesse complexo universo cultural e lingüístico, o grande desafio é elaborar um trabalho que não se constitua apenas em análise e interpretação, mas que privilegie a presença da manifestação popular, ou seja, o relato dos informantes dos 65 pontos no Estado do Paraná, que constituem o *corpus*. De acordo com Ayala (2003, p. 84), isso significa construir um texto que não deixe de revelar a capacidade de análise e interpretação e, ao mesmo tempo, se constitua em espaço privilegiado a ser ocupado pela atividade cultural em estudo. A presença da manifestação popular estudada não deve se limitar à sua representação através de transcrições de registros orais populares, da reprodução dos textos impressos populares, de registros fotográficos e desenhos, tudo isso com intenção ilustrativa.

Segundo Ayala (2003), um texto sobre o popular deve ser construído de tal forma que se tenha, no ato de leitura, a sensação de que, sem os textos e as falas dos que fazem a cultura popular e encontram nela um sentido para suas vidas, não avançamos no entendimento do que vem a ser essa cultura ou essas culturas populares, tal a diversidade encontrada nas maneiras de viver essas práticas culturais, de entendê-las, de nomeá-las, de defini-las, de atribuir-lhes valor e sentido e, por que não, de comprazer-se com elas.

5 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* E DAS CARTAS

Na definição do *corpus*, optamos pela análise do material elaborado por Aguilera (ALPR, 1994) para a verificação do que se apresentava mapeado com relação ao campo semântico *Terra*, subcampo *Plantas Mediciniais*. Como já se explicitou, a observação das cartas e do material impresso e sonoro do ALPR (AGUILERA, 1994) indicava que as práticas de medicina caseira não se restringiam a plantas ou ervas medicinais, mas a saberes culturais passados, transmitidos oralmente e recriados de forma coletiva geração após geração. Fazem parte desses saberes, as simpatias, os rituais, as benzeduras e o manejo de outros elementos da natureza na busca da cura de doenças. Daí a importância da elaboração de um registro desses conhecimentos como forma de contribuir com a disseminação da pluralidade étnica cultural nas suas mais diversas formas de manifestação.

5.1 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

5.1.1 Sobre a questão 88

Como se chama aquela sementinha que serve pra gente fazer chá e pra botar em bolo de fubá?

Quando indagados sobre *a semente para chá contra dor de barriga*, na questão 88, os informantes apresentaram uma variedade de respostas. Dos 65 pontos investigados observamos a seguinte ordem de frequência: *erva-doce* foi

registrada em 57 pontos; já a *maçanilha* apareceu em 33 pontos, seguida de *hortelã*, registrada em 32 e camomila em 22 pontos – as mais produtivas –, e ainda *marcelinha* em 15, *poejo* em 9 e *funcho* em 5.

Dentre os pontos citados destacamos que: em cada ponto foram inquiridos dois informantes – um masculino e um feminino –, e, nesse universo de informações, ressaltamos: para erva-doce 54 registros femininos e 52 registros masculinos; para maçanilha, 26 registros femininos e 19 masculinos; ainda dentre as mais produtivas, hortelã/hortelão/hortelãzinha com 18 registros femininos e 23 masculinos, e camomila, 16 registros femininos e 11 masculinos. Todas as informações atribuíam a propriedade medicinal de curar dor de barriga.

O Questionário sugeria uma única resposta: *erva-doce*. No entanto, os dados registrados indicam uma pluralidade de ervas usadas para tal fim. Com exceção de *funcho*, as demais não são variantes lexicais de *erva-doce*, mas nome de outros referentes com a mesma função medicinal. Dentre as respostas mais freqüentes estão: *erva-doce*, sugerida no questionário, seguida de: *camomila/maçanilha*, *marcelinha*, *poejo*, *hortelã* e *funcho*. Esta última, reiteramos, é uma variante regional de *erva-doce*, conforme atestam os dicionários consultados.

5.1.2 Sobre a questão 89

Como se chama aquela planta que se usa pra fazer chá e que tem folhas ásperas iguais às folhas de sapé?

Em relação às respostas dadas à questão 89, *folha para chá contra nervosismo*, em todos os pontos houve registros, o que indica, que essa prática é

comum entre os paranaenses. Destacamos que a forma mais produtiva é *erva-cidreira*, seguida de *capim-cidreira*. Uma vez que, as formas: *capim-santo* e *capim-cidró*, aparecem com frequência. Aguilera (1994, p. 116) comenta que a resposta esperada inicialmente era *erva-cidreira*; no entanto, a evolução da pesquisa foi apontando para caminhos diversos: i) em certas regiões, faz-se a distinção entre a folha de plantas miúdas e arredondadas e o capim de folhas ásperas e longas. Neste caso, ambos têm as mesmas propriedades medicinais, sendo usados como calmante e são identificados por uma única denominação; ii) em outras, só conhecem o capim e não a erva de folhas arredondadas; iii) em outras, tratam-se de referentes distintos; iv) além do capim e da erva, há referência a uma arvorezinha com as mesmas propriedades.

Alguns informantes estabeleceram a diferença entre ‘planta’ (aquilo que é cultivado) e ‘capim’, ‘erva’ (aquilo que é nativo). Para a apresentação dos resultados da questão 89, a autora optou pela elaboração de duas cartas: a de número 47 registra as respostas envolvendo nomes compostos, cujo primeiro elemento é *erva*, e na de número 48, ‘*capim*’.

5.1.3 Sobre a questão 90

Que chá a gente usa pra acalmar as bichas das crianças?

Para a questão 90, *erva contra “bichas” das crianças*, a resposta sugerida pelo Questionário é *erva (de) santa-maria*. Para combater a verminose, além das ervas, as pessoas do campo se valem de outras práticas que serão comentadas a seguir. A forma mais produtiva, porém, registrada em 52 pontos, é

hortelã/hartelã. Em segundo lugar está a *erva (de) santa-maria* registrada em 41 pontos, obtivemos *erva santana*, em 4 pontos e *erva-de-são-joão* em 2 . Essas duas últimas indicam variantes léxicas, e já se encontram no dicionário de Antenor Nascentes, inclusive referindo-se a *erva-de-são-josé* como sinônima de *erva-de-são-joão*.

5.1.4 Sobre a questão 91

Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, que serve pra fazer chá pra dor de barriga do neném?

Para a questão 91; *camomila*, mapeada por Aguilera, referente à carta nº 49 do ALPR (1994), a autora informa que no questionário inicial não estava incluída a pesquisa de variantes lexicais ou fonéticas em torno da planta comumente chamada, no norte do estado, de *camomila*. No entanto à medida que a coleta de dados avançava em direção ao sul do Paraná, tornaram-se freqüentes as referências a *maçanilha*, plantinha usada no preparo de chás para recém-nascidos e para cólicas gástricas. Dessa forma, a autora achou necessário incluir a questão nas entrevistas subseqüentes. A nota informa, também, que não se formulou a questão para os seguintes informantes:² 1A e B, 2 A e B, 5A , 8B, 10A, 11A, 14A e B, 17A e B, 18B, 19A, 28A e B, 29A e B, 30A e B, 32B, 34B, 35A e B e 36A e B.

² Os numerais indicam o número do ponto lingüístico investigado. A carta com a indicação desses pontos lingüísticos encontra-se nos anexos.

5.1.5 Sobre a questão 92

Como se chama aquela planta que a gente usa para fazer chá quando a criança está assustada?

Para a questão 92; que indagava sobre o '*chá para criança assustada*', o Questionário sugeria apenas o termo *hortelã*, que foi mapeado em suas variantes fonéticas na carta 111 do ALPR (AGUILERA, 1994). Muitos informantes fizeram referência à associação do uso do chá de hortelã com raspa de chifre de boi ou de carneiro torrado e/ou raspado. Dentre os que se utilizam dessa prática de medicina caseira sobressaem as mulheres, conforme se verifica nos seguintes pontos: 13, 20, 21, 22, 23, 27, 30, 33, 34, 36, 37, 41, 42, 43, 46, 50, 54, 62 e 65. As informações dos homens concentram-se apenas nos pontos: 25, 33, 37, 38, 50, 51 e 55.

5.1.6 Sobre a questão 93

Que chá a gente usa pra fazer arrebentar sarampo?

Para a questão 93, a ser mapeada por esta pesquisadora, que indagava sobre o chá utilizado para arrebentar sarampo, e sugeria *sabugueiro*, obtiveram-se registros para *sabugueiro* em 57 pontos dos 65 pesquisados. Para *palha roxa*, houve registro em 18 pontos, apresentando as variantes *palha de milho roxa* e *palha vermelha*, e ainda para *jasmim* ou *jasmim de cachorro*, houve registro em 7 pontos. Essa prática é pouco conhecida no meio urbano e não há referências

no meio científico. No entanto, há referência dessa prática na obra *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio (1984), bem como em alguns “causos” regionais, como se pode ver neste trecho:

É do empirismo da medicina campeira do Rio Grande que o dejetto do cão, após bem seco e haver tomado uma coloração branquicenta, é porrete para um série de doenças, especialmente do pulmão e vias respiratórias. Dão-lhe o nome de Jasmim de Cachorro e deve ser ingerido sob a forma de chá. [...] (RILLO, [s.d.]

5.1.7 Sobre a questão 94

Como se chamam aqueles pauzinhos pretos que a gente coloca em doces de abóbora, por exemplo?

A questão nº 94, que traz como sugestão uma única resposta, *cravo*, era formulada indagando-se sobre *uns pauzinhos pretos e perfumados que eram usados em doces caseiros, como o de abóbora*. As respostas, no entanto, apontam uma prática interessante e comum entre os rapazes: o hábito de mascar o cravo antes e durante os bailes, seja para disfarçar o mau hálito proveniente da falta de higiene bucal ou do mau estado dos dentes, seja para mascarar o cheiro de aguardente ingerida.

5.1.8 Sobre as questões 95, 96 e 97

Como se chamam aquelas casquinhas de madeira, cheirosas, que a gente coloca em doces de abóbora, por exemplo?

Como se chama aquele tempero que tem a forma de uma cabeça, cheia de dentes, e com um cheiro muito forte?

Quais outros temperos o(a) senhor(a) conhece pra comida?

Para as questões de nº 95 (*canela*); nº 96 (*alho*) e nº 97 (*outros temperos para a comida*), como já citamos, por não fazerem referência a propriedades medicinais de cada uma as respostas, não foram mapeadas nem consideradas para análise neste trabalho.

5.1.9 Sobre a questão 98

Como se chama aquela planta cheirosa que se usa pra espantar mau olhado?

A questão nº 98 indagava sobre *planta cultivada para espantar mau-olhado*. O questionário sugeria *arruda*, planta que foi citada em 50 dos 65 pontos pesquisados. Também foram mencionadas: *guiné* em 26 pontos e *alecrim* em 11.

Os registros confirmaram que, na cultura popular, *arruda* é a mais conhecida: 98 ocorrências, o que representa um percentual de 57%, sendo 43 femininas e 35 masculinas. Algumas abstenções de respostas são justificadas pelo fato de os informantes se sentirem incomodados em revelar que usam a *arruda* como forma de proteção contra os olhares negativos de outras pessoas.

Outro dado interessante é que as pessoas que afirmam não utilizar a planta como forma de proteção, geralmente possuem belíssimos arranjos com *arruda*, *guiné*, *alecrim*, *comigo-ninguém-pode*, *espada-de-são-jorge*, em vasos e nos

jardins em frente das casas, mas preferem afirmar que servem apenas para ornamentação, inibidos, talvez, pela religião que professam. Atualmente, revistas especializadas em bem-estar, como a Revista “Feng Shui”, vendem a idéia de proteção contra maus fluidos utilizando plantas como as citadas.

5.1.10 Sobre a questão 99

Como se chama uma árvore grande, que dá flor ou roxa ou amarela?
A casca serve pra fazer chá pra problema de estômago?

A questão 99 tinha o objetivo de levantar os registros para *a árvore de flores amarelas ou roxas* e investigar as suas propriedades medicinais. O levantamento revela que não há forma variante; apresenta 98 registros do item lexical *ipê*, sendo 56 masculinos e 42 femininos.

5.1.11 Sobre a questão 100

Como se chama aquela planta que tem folhas iguais às de um pinheirinho? É uma planta muito cheirosa e que serve pra fazer chá pra quem sofre do coração?

Para a questão nº100, que fazia referência a planta para males do coração, o questionário sugeria alecrim. O informantes também relataram a utilização de rubim.

5.1.12 Sobre a questão 101

Como se chama aquela planta que se usa pra fazer emplasto e colocar em machucaduras?

A questão nº 101, *rubim*, questionava sobre *planta utilizada para fazer emplastro em machucaduras*. Os registros confirmam a sugestão do questionário, pois essa prática foi mencionada em 44 pontos. A segunda forma mais produtiva refere-se a *mentruz*, citada pelos informantes em 38 pontos. Há, ainda, registros para as formas *amargoso*, *catanga de mulato*, *malva*, *babosa*, *gervão*, *vervena*, *canfor* e *guiné*. No entanto, as mais produtivas permanecem *rubim* e *mentruz*.

5.1.13 Sobre a questão 102

Como se chama aquela planta que é bom a gente ter em casa pra dar sorte?

A questão 102, cuja proposta era levantar os registros para *a planta cultivada para dar sorte*, o questionário sugeria apenas *guiné*. O elenco das respostas apontou para a seguinte diversidade: *comigo-ninguém-pode*, *arruda*, *quebra-torto*, *capitão*, *gambá*, *alecrim*, *paineira*, *espada-de-são-jorge* e *capim santo*.

5.1.14 Sobre a questão 103

Quais outras plantas que o senhor conhece pra fazer chá? (Dizer pra que serve).

Para a questão nº 103, *outras plantas medicinais*, por ser uma questão aberta, revelou várias práticas de medicina caseira.

Ah, tem diversas pranta aí mais é no momento assim iss'aí que nós falamu agora pouco aí ó, **erva-cidreira** que eu conheço mais tamém [...]num tô lembrado de otru. ((Para dor de estômago, para o rim.)) A folha de laranjera já tomei, quando eu era criança tomava **chá de folha de laranjeira**. ((É, era tão gostoso né, até sem doença a gente tomava. Assim outras por exemplo para o rim, para quem está com urina presa.)) **Folha de abacate**, folha de abate. ((Para quem está com disenteria, com diarréia.)) Bão é **limão, limão cum roma**, é uma, ma num sei se a sinhora conheci a roma. É roma, né? [= Romã =] **Romã**. ((Esse.)) Roma tá na Itália. É romã. [risos] ((Isso mesmo.)). (Informante masculino de Santo Inácio)

5.2 DESCRIÇÃO DAS CARTAS

Precedendo a etapa do mapeamento, foi necessário tabular os dados registrados em cada uma das questões para verificar a produtividade de cada uma das variantes. De posse do material tabulado, procedeu-se ao mapeamento dos registros de cada questão, iniciando pelas variantes mais produtivas, isto é, numa escala descendente. Cada carta é acompanhada de dois gráficos ilustrativos: um com o percentual de ocorrências de cada uma das três variantes mais produtivas e outro com os valores, separados por informante feminino e masculino, de cada uma delas. Há, ainda, as legendas, que se apresentam da forma mais produtiva para

a menos produtiva (aqui pesquisadas apenas as três mais produtivas), sendo vermelho para a mais produtiva e, gradativamente, verde e amarelo.

Carta 1 – Erva-Doce

A questão 88 solicitava o nome da “semente indicada para *chá contra dor de barriga*” e trazia como resposta sugerida no Questionário a variante lexical **erva-doce**, que foi, igualmente, o item mais produtivo com 106 registros, sendo 54 registros femininos e 52 masculinos, representando um percentual de 40% em relação às demais ocorrências.

Em segundo lugar apresentam-se **camomila** e **maçanilha**, aqui consideradas parassinônimas, uma vez que remetem ao mesmo referente e assim são concebidas pelos informantes, constituindo-se, pois, em variantes diatópicas que vão marcar uma zona de isoléxica no Paraná (cf. carta nº 49 do ALPR, AGUILERA, 1994). Essas duas nomenclaturas totalizam 72 registros, dos quais 27 são para *camomila* (16 registros femininos e 11 masculinos) e 45 para *maçanilha* (26 registros femininos e 19 masculinos); o total das duas variantes representa um percentual de 38%.

Em terceiro lugar temos **hortelã(lão/lanzinha)**, com 32 registros, sendo 18 femininos e 23 masculinos, totalizando 22% das ocorrências.

A carta nº 1 permite a visualização do que aqui se expôs.

CARTA 1

Questão 88 – Erva-doce
(semente para chá contra dor de barriga)

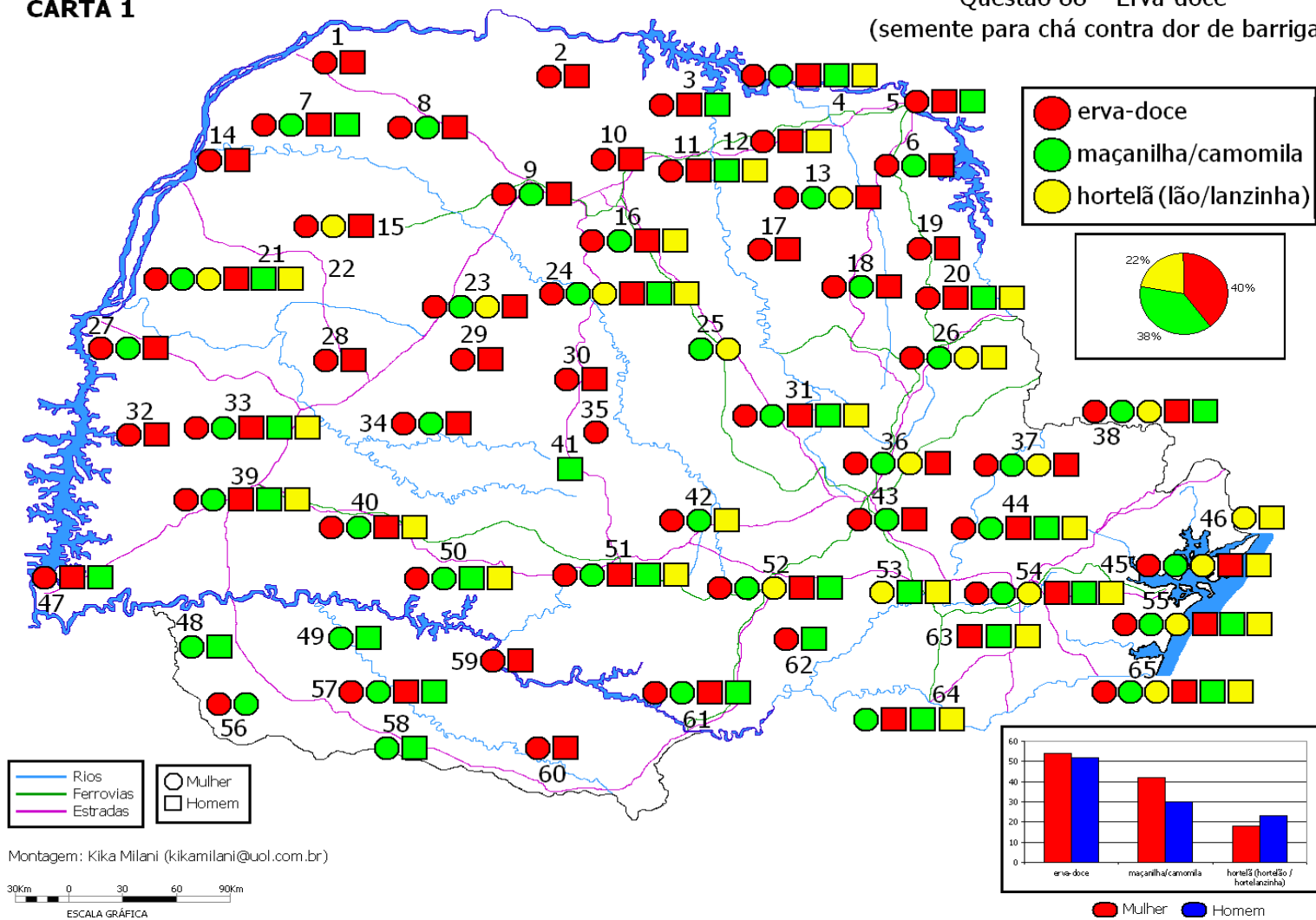


Figura 1 – Carta 1 Erva-doce

Carta 2 – Erva-de-santa-maria

Na carta 2, a questão 90 buscava os registros para a erva utilizada contra “bichas das crianças” e trazia como sugestão, no Questionário, **erva-de-santa-maria**. Os registros, no entanto, revelam que o chá de hortelã é a prática caseira mais produtiva em todas as regiões paranaenses, com 72 ocorrências, das quais 40 registros são femininos e 32 masculinos, o que representa um percentual de 58,4%.

A segunda forma praticada, com 50 ocorrências, é erva-de-santa-maria, sendo 34 registros femininos e 16 masculinos. A terceira forma mais produtiva não indica o uso de planta ou erva para combater a verminose infantil, mas uma prática ainda não explorada cientificamente e pouco difundida no meio urbano. Trata-se do chá de chifre, com 14 ocorrências, das quais 10 são femininas e 4 masculinas, representando um percentual de 16,1%.

Outras variantes foram registradas, mas com baixa frequência, tais como: 2 ocorrências para **erva-de-são-joão**, e 4 para **erva-de-santana**.

A **carta nº 2** permite a visualização do que aqui se expôs, indicando a distribuição diatópica, o número total de registros por variante e a frequência de cada uma com base no sexo do informante.

Carta 2

Questão 90 - Erva-de-santa-maria
(erva contra "bichas" das crianças)

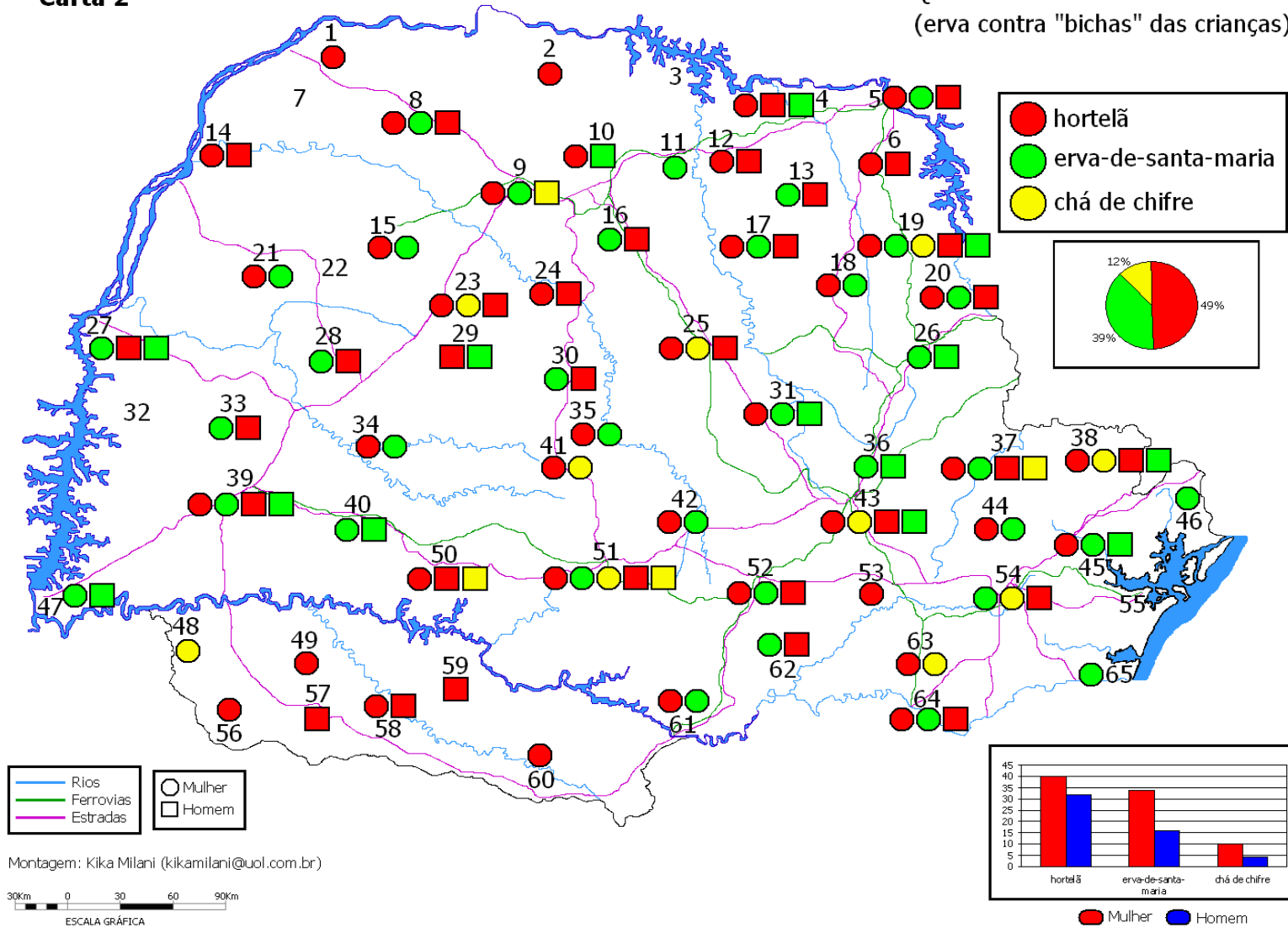


Figura 2 – Carta 2 Erva-de-santa-maria

Carta 3 – Sabugueiro

A questão 93, com o objetivo de levantar os registros para “o chá para arrebentar sarampo”, sugeria unicamente **sabugueiro**. Os registros revelam que esta forma é a mais produtiva, com 98 ocorrências, das quais 55 são registros femininos e 43 masculinos, representando um percentual de 75,3%.

A segunda prática mais citada, com 21 ocorrências, é o uso da **palha roxa** ou **palha de milho roxo**, das quais 11 são femininas e 10 masculinas. A terceira mais produtiva é **chá-de-jasmim** ou **jasmim-de-cachorro**, com 8 ocorrências, sendo 5 registros femininos e 3 registros masculinos, o que representa um percentual de 6,1%.

A carta nº 3 ilustra o exposto.

Carta 3

**Questão 93 – Sabugueiro
(chá para arrebentar sarampo)**

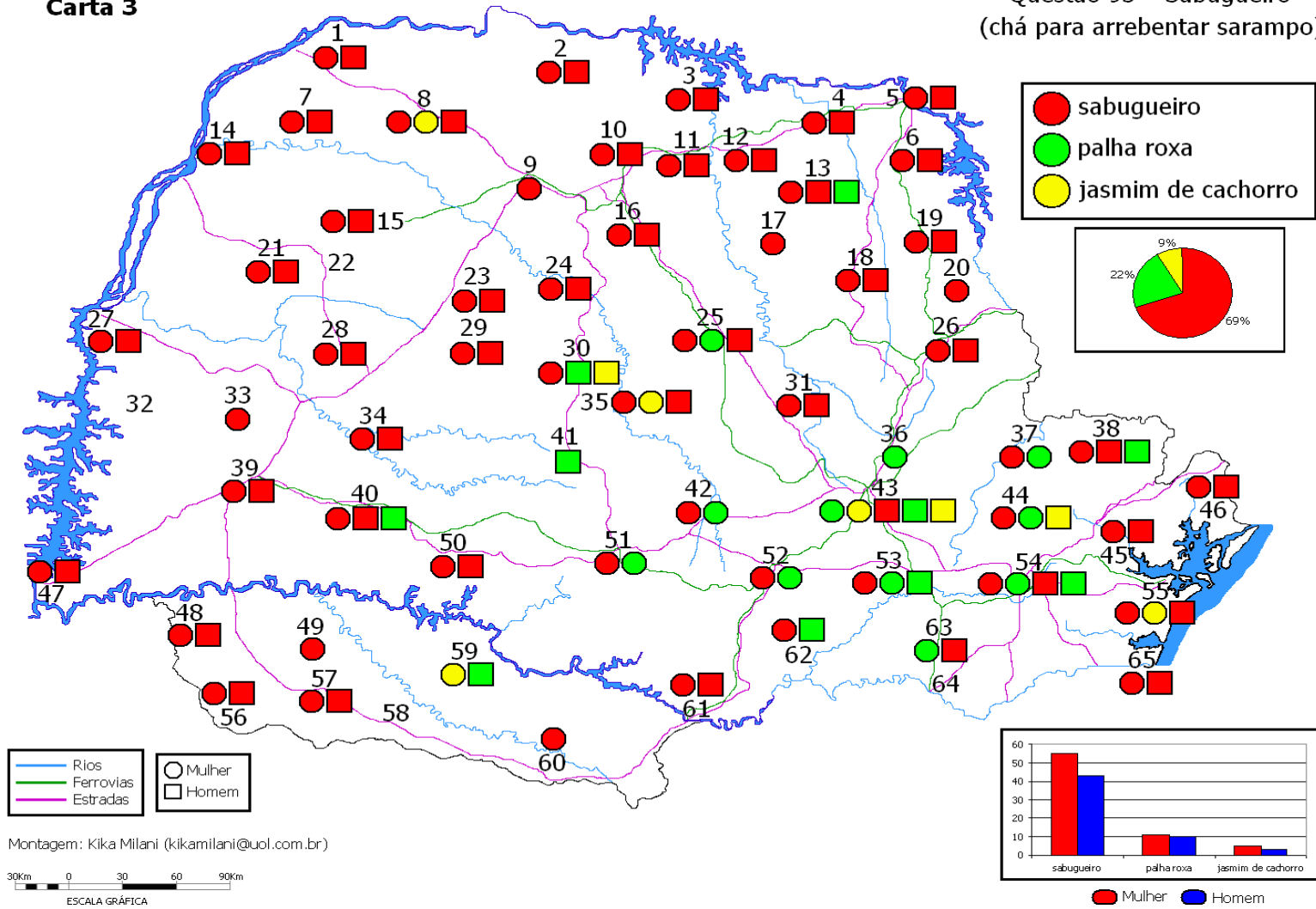


Figura 3 – Carta 3 Sabugueiro

Carta 4 – Arruda

A carta nº 4 é o resultado do mapeamento das respostas dadas à questão 98 – *planta cultivada para espantar mau-olhado* – que sugeria apenas **arruda**. Os registros confirmaram que, na cultura popular, *arruda* é a mais conhecida, 98 ocorrências, sendo 43 femininas e 35 masculinas, o que representa um percentual de 74,6%. Em segundo lugar, *guiné*, com 33 registros, sendo 18 femininos e 15 masculinos, com o percentual de 32,3%, seguido de *alecrim* com 12 registros dos quais 7 são femininos e 5 masculinos que significa 11,5%. Quanto à distribuição diatópica, **guiné** concentra-se no Norte do estado, embora tenha sido registrada em algumas localidades do sul.

A carta nº 4 permite visualizar o que aqui se expôs.

Carta 4

Questão 98 - Arruda
(planta para espantar mau-olhado)

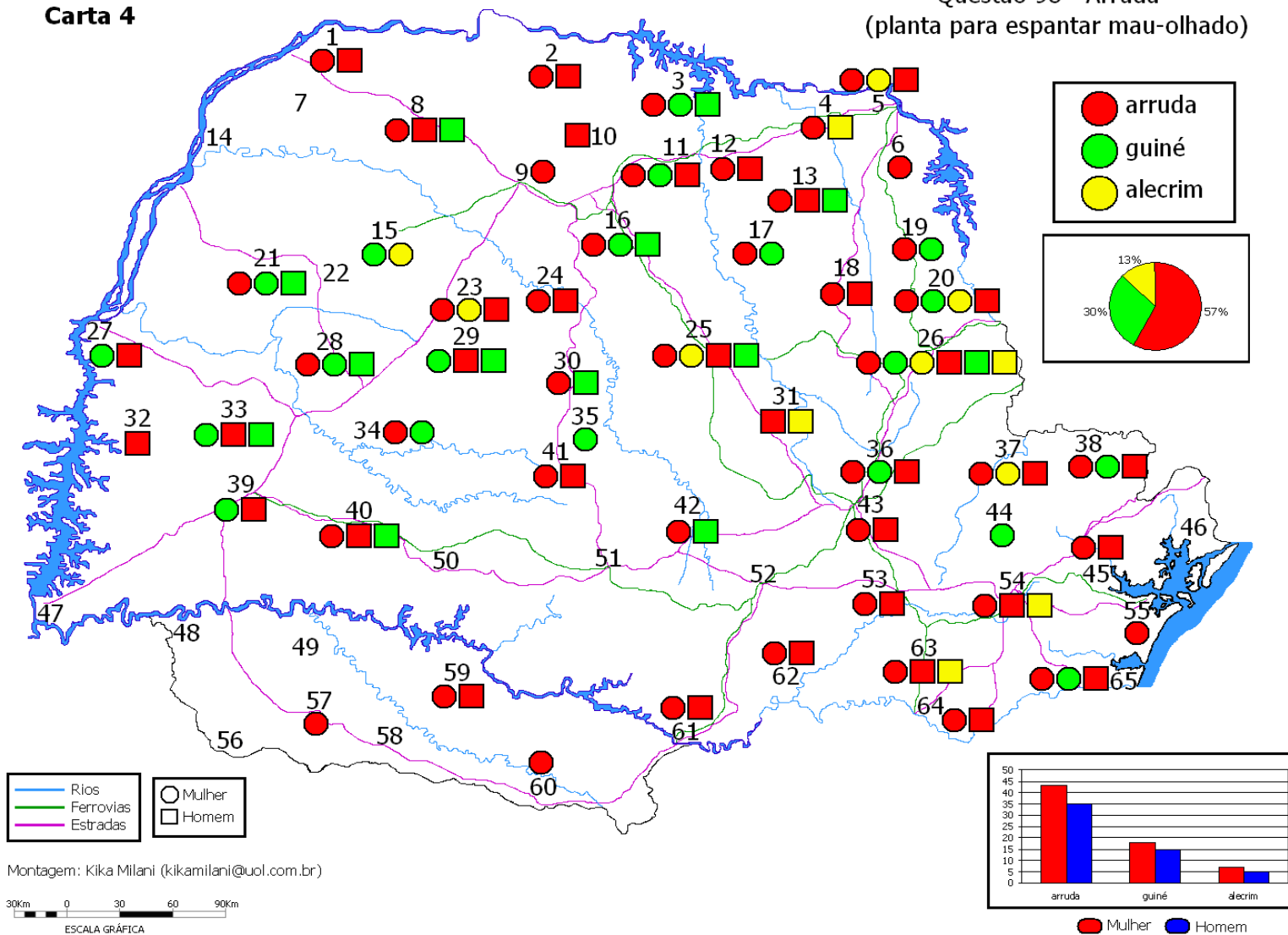


Figura 4 – Carta 4 Sabugueiro

Carta 5 – Ipê

A questão 99 tinha como objetivo levantar os registros para a *árvore de flores amarelas ou roxas* e investigar as suas propriedades medicinais. O levantamento, como já mencionamos, revela que não há forma variante, apresentando 98 registros do item lexical *ipê*, sendo 45 masculinos e 31 femininos. Na região do Norte Novíssimo, os informantes declararam ignorar a árvore que teria aquelas propriedades medicinais. Isto se deve ao elevado índice de desmatamento nessa região, ocorrido nos últimos cinquenta anos, em favor da criação do gado e da cultura de trigo e de soja.

A carta nº 5 permite a visualização do que aqui se expôs

Carta 5

Questão 99 - Ipê

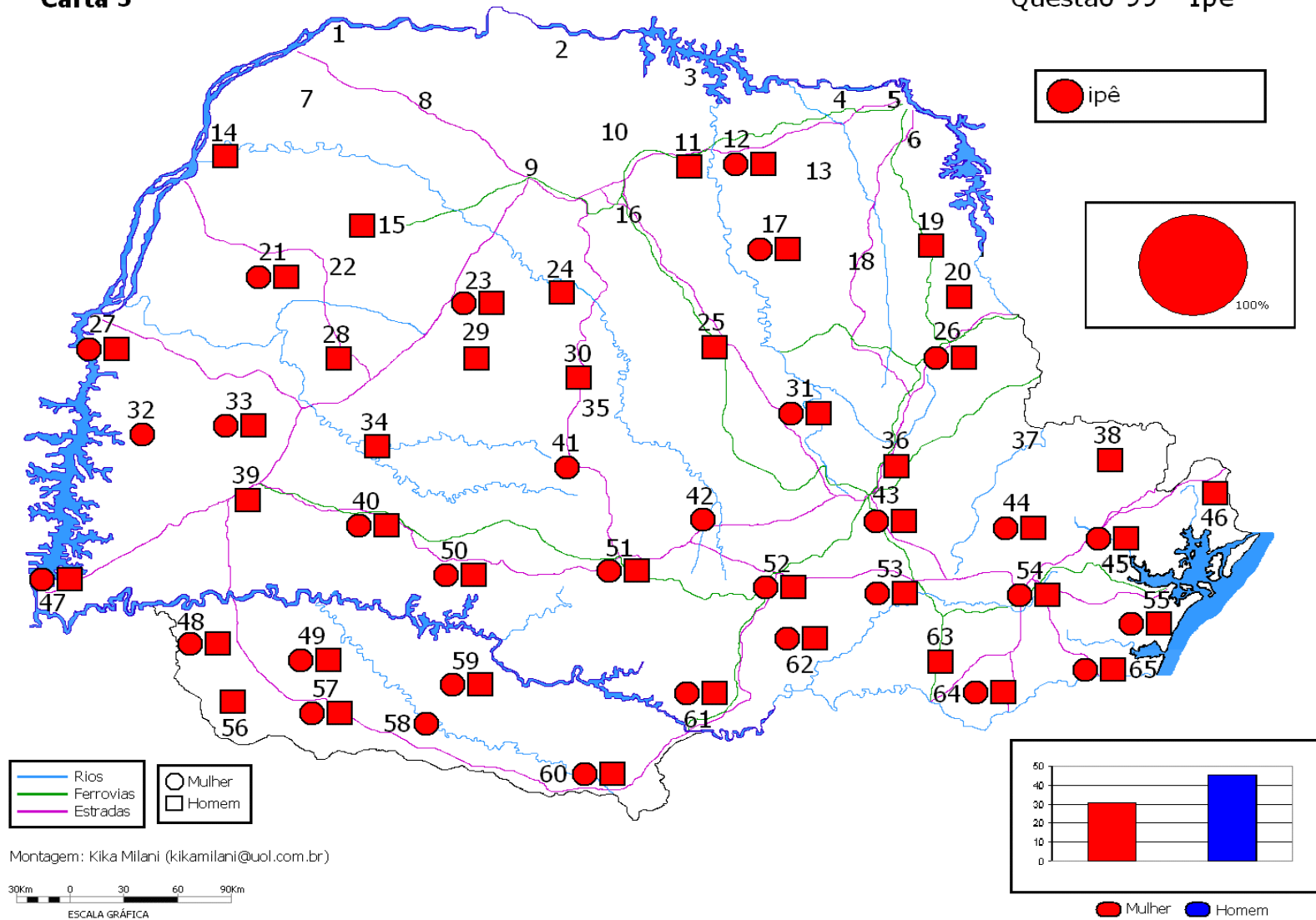


Figura 5 – Carta 5 Ipê

Carta 6 – Rubim

A carta 6 apresenta os registros obtidos a partir da questão 101 para a planta utilizada para fazer emplastro em machucaduras. O Questionário sugeria a erva conhecida como *rubim*. Os registros confirmam a sugestão do questionário, pois o procedimento utilizado com esta planta aparece em primeiro lugar com 64 registros, dos quais 33 são femininos e 31 masculinos; indicam, também, em segundo lugar, o uso da planta *mentruz/mastruço* com 50 ocorrências, distribuídas eqüitativamente entre homens e mulheres. Em terceiro lugar os informantes fazem referência a *erva-de-santa-maria*, com 21 registros, sendo 14 masculinos e 7 femininos, um percentual de 16,1%. Nota-se que há uma distribuição diatópica bastante significativa entre o Paraná Moderno e o Paraná Tradicional em que a erva **mentruz** é mais utilizada na região mais antiga e o **rubim** na região mais moderna. A concentração no Litoral, na área do Paraná Tradicional, indica a forte influência que os paulistas exerceram sobre a língua e a cultura no início do povoamento do Paraná, no século XVII, influência que se observa em outras variantes lexicais e fonéticas já observadas em diversos trabalhos de Aguilera.

A carta nº 6 permite a visualização do que aqui se expôs.

Carta 6

**Questão 101 - Rubim
(planta para fazer emplastro)**

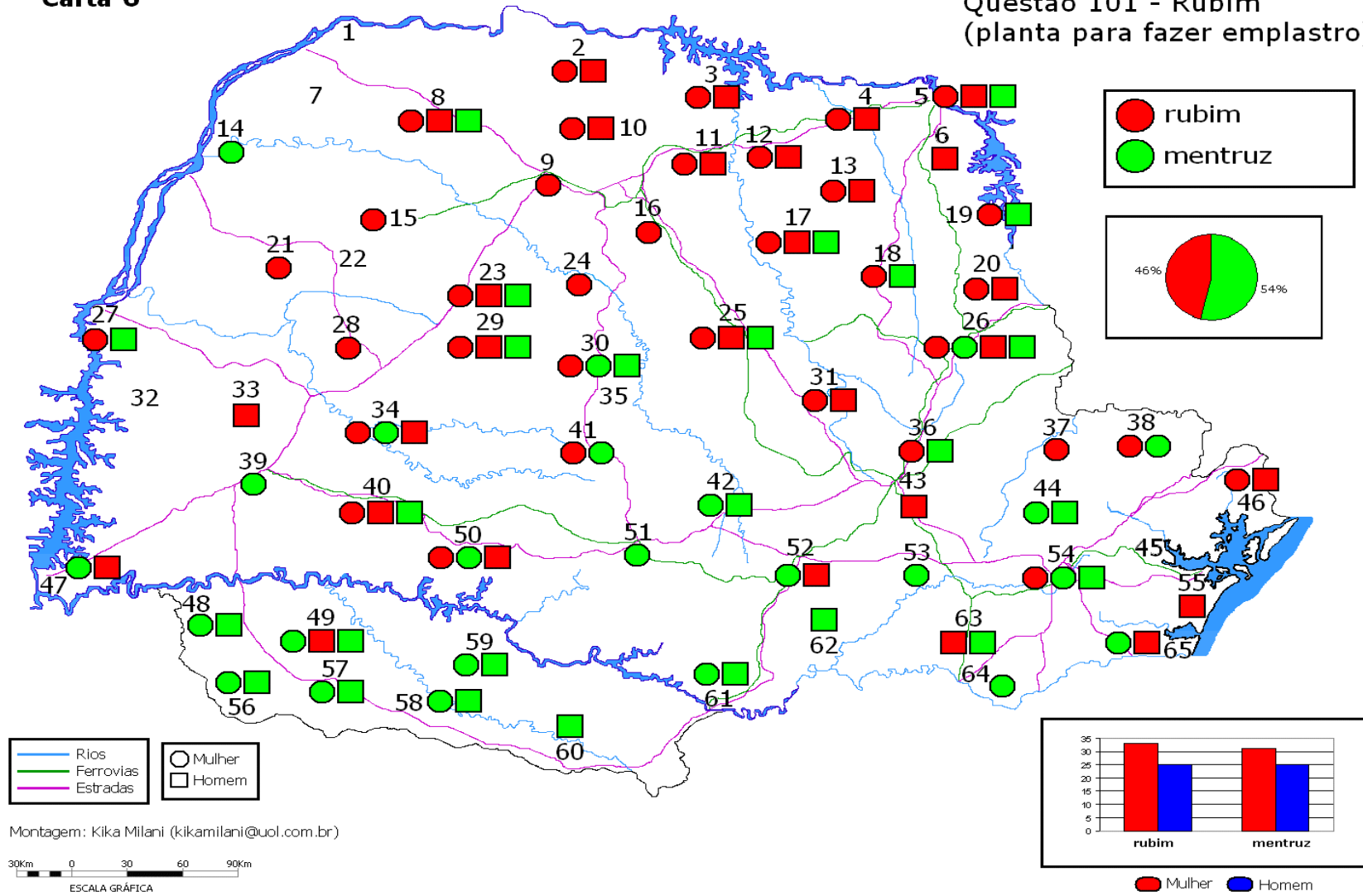


Figura 6 – Carta 6 Rubim

Carta nº 7 – Guiné

A carta nº 7, construída a partir das respostas dadas à questão 102, expõe a diversidade de plantas consideradas portadoras ou atrativas de sorte para seus moradores. A questão 102, cuja proposta era levantar os registros para a *planta cultivada para dar sorte*, sugeria apenas **guiné**. O elenco das respostas apontou para a seguinte diversidade: **comigo-ninguém-pode, arruda, quebratorto, capitão, gambá, alecrim, paineira, espada-de-são-jorge e capim santo**. A mais produtiva é **guiné**, com 71 registros, dos quais 34 são registros femininos e 37 masculinos. Em segundo lugar, temos *arruda* com 27 ocorrências, sendo 12 registros femininos e 15 masculinos.

A carta nº 7 permite a visualização da distribuição diatópica, diassexual e a frequência das variantes registradas a partir da questão 102.

Obs: Para a questão 103 foram confeccionadas duas cartas, dada a ocorrência de um número elevado de nomes de plantas, uma vez que se tratava de questão aberta.

Carta 7

**Questão 102 - Guiné
(planta para dar sorte)**

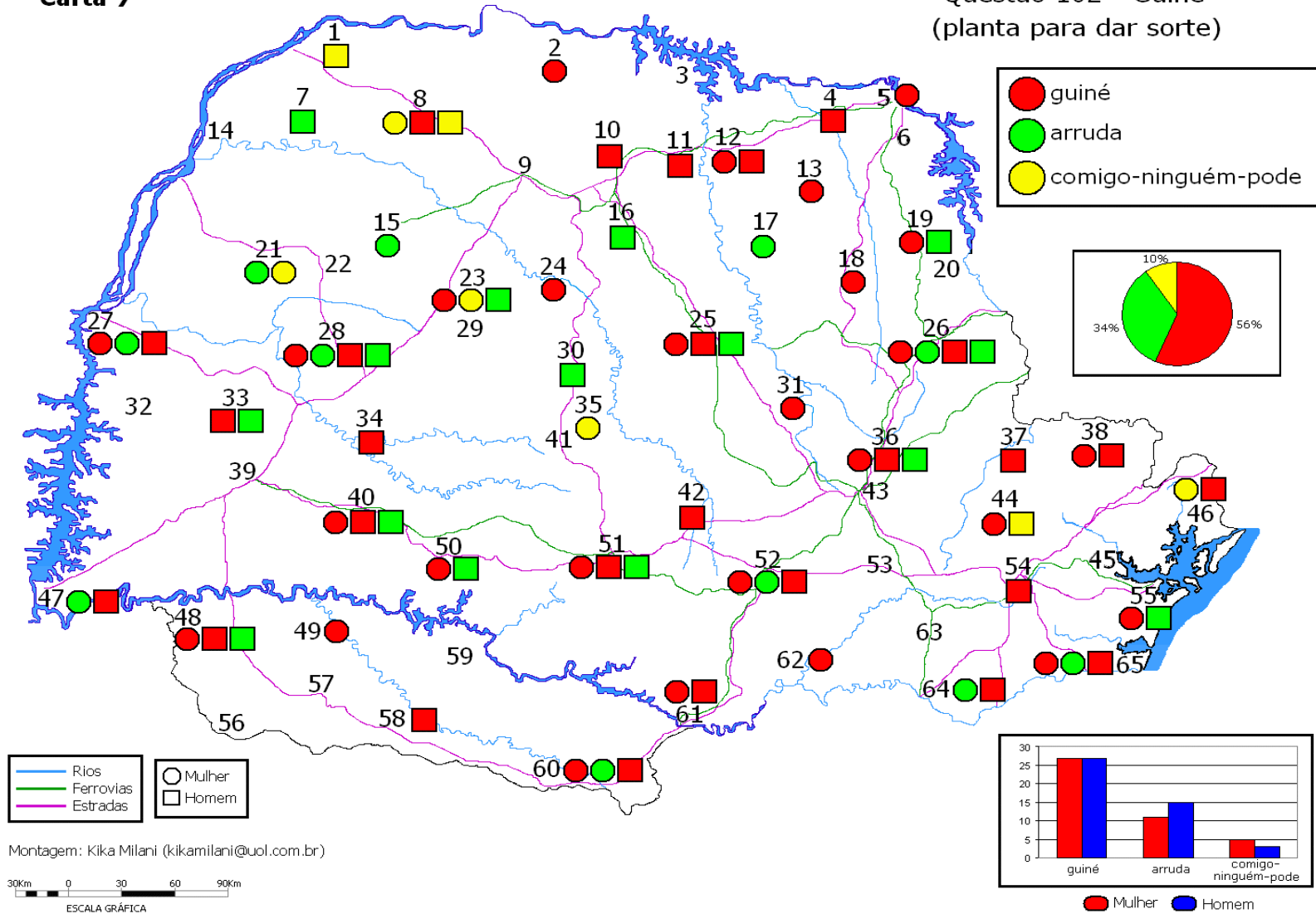


Figura 7 – Carta 7 Guiné

6 ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DOS DADOS E SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA CIENTÍFICA

Iniciamos a discussão tratando das ervas e práticas mencionadas em cada uma das questões do Questionário do ALPR (AGUILERA, 1994) e que estão cartografadas no capítulo 5. Indicamos o nome científico, o registro nos dicionários indicados e as propriedades medicinais comprovadas cientificamente, segundo Camargo (1985), além da atribuição popular das propriedades. Os itens lexicais serão apresentados em ordem alfabética.

O vocábulo **alecrim** – *Rosmarinus officinalis* – é encontrado em Ferreira (2004) com a seguinte definição:

arbusto da família das labiadas [...] que exala odor agradável e forte, e por destilação dá abundante quantidade de óleo essencial volátil, e se usa como medicamento e como condimento.

O verbete destaca outras variantes como: alecrim-de-cheiro, alecrineiro e alecrinzeiro. Em Nascentes (1964) constam dois verbetes sob a denominação de *alecrim*. O *alecrim*¹ refere-se à planta e traz descrição semelhante à do Aurélio. Consta em Morais Silva (1949-1959) como:

s.m. (do ar. Al-iklil). Pequeno arbusto de folhas aromáticas e de flor um tanto azulada e cheirosa, da família das labiadas (*Rosmarinus officinalis*, Lin.); usam queimá-lo para defumar as casas e a roupa: << ...cercado de uma latada de hera e alecrim e roseiras F. Mendes Pinto, Peregrinação cap. 122>>> Árvore da família das leguminosas – cisolpiniáceas, de grande porte, caule tortuoso, madeira vermelho-amarelada, compacta e dura, empregada em construções. Há ainda outros registros nesse dicionário, das variantes da lexia como: alecrim-bravo, alecrim-da-serra, alecrim-das-paredes, alecrim-de-são-josé, alecrim-do-campo, alecrim-do-mato, alecrim-do-norte. Morais Silva indica para essas designações somente o nome científico e de onde se originam.

Câmara Cascudo (1972), em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, registra a planta da seguinte forma:

(*Rosmarinum officinale*, L.) alecrim de casa, alecrim de cheiro, alecrim das hortas, rosmarym dos alemães, erva para coroas. Na farmacopéia popular é um vulnerário, para banhos, chá para rouquidão, tosse, sufocação. Muito prestigioso na bruxaria portuguesa e ibero-americana. Desvia o mau-olhado com seu olor.

Dentre os três autores pesquisados, Moraes Silva parece-nos o mais completo nas informações por abordar diferentes aspectos, tais como: etimologia da palavra, descrição física da planta e das flores, nome científico, além de indicar os usos populares, como a defumação de casas e roupas. Sobre as variantes, tanto Moraes Silva como Câmara Cascudo fazem, juntos, referência a mais de uma dezena sem que haja coincidência de designações entre elas. Isto é, o primeiro traz *alecrim-de-casa*, *alecrim-de-cheiro*, *alecrim-das-hortas*, *rosmarym-dos-alemães* e *erva para coroas*. O segundo, por sua vez, relaciona: *alecrim-da-serra*, *alecrim-das-paredes*, *alecrim-de-são-josé*, *alecrim-do-campo*, *alecrim-do-mato* e *alecrim-do-norte*.

Quanto à indicação de propriedades medicinais, Câmara Cascudo é mais preciso ao relatar sobre seus efeitos no tratamento de rouquidão, tosse, sufocação, além de se tratar de um 'vulnerário', isto é, de dar proteção contra os maus fluidos. Os três autores trazem a denominação científica do alecrim.

Comparando as informações dessas obras com as dos informantes do ALPR, observa-se que o alecrim tem um amplo espectro de aplicação, tendo sido citado nas questões 92 – chá para criança assustada; 98 – planta para espantar mau-olhado; 100 – planta para males do coração; e 102 – planta para dar sorte. Camargo (1998) destaca que, na medicina popular, o alecrim é utilizado para lavar

os olhos, em caso de réstia de ar, que no meio popular significa vista vermelha correndo água, provocada pelo reflexo da luz solar através de água, espelho ou qualquer metal polido. É freqüente o emprego do alecrim em banhos e fricções para combater dores articulares. Para esse fim, usa-se, segundo pesquisa em Ibiúna-SP (CAMARGO, 1998), juntar em um litro de álcool um punhado de alecrim, três folhas de guiné e um dente de alho com casca, cortado ao meio. O preparado pode ser guardado, devendo ser usado em fricções, na região dolorida, até esquentar a pele. Pode-se também usar o mesmo preparado em bochechos para dor de dente. A infusão e decocto de alecrim são, também, usados na medicina popular para problemas de estômago, de fígado e para menstruação atrasada.

O trabalho de Camargo (1998) foi direcionado especificamente para as plantas medicinais, com a descrição de cada uma delas e das propriedades que a sabedoria popular lhes atribui. Por outro lado, o ALPR buscava uma recolha de dados lingüísticos abrangendo vários campos semânticos, sem se aprofundar em todas as práticas medicinais populares, haja vista que contempla apenas 16 dentre as 325 perguntas que integram o Questionário. Outra diferença está na rede de comunidades investigadas: enquanto a primeira recolhe os dados apenas em Ibiúna-SP, o ALPR investiga 65 localidades do Estado do Paraná. Pelos relatos constantes em ambas as obras, observa-se uma diferença significativa no emprego do alecrim, o que se pode justificar pela pesquisa vertical de Camargo (1998) e a horizontal de Aguilera (1990a).

Ainda de acordo com Camargo (1998), o pó obtido das folhas secas é usado em feridas e ferimentos como cicatrizante, assim como na forma de cigarro para acalmar nervosos e desesperados. O alecrim é comum em defumações, associado a outras plantas, para distúrbios provocados por mau-olhado. Em

Portugal, no século XIX, segundo Aragão (1894 apud CAMARGO, 1998), era usado para livrar criança de quebranto, expondo-a à fumaça de um braseiro em que eram colocados ramos de aroeira, alecrim, pedaços de pano, um chinelo velho, quatro chifres pequenos, dois queixos de gato bravo e uma crista de galo. Camargo (1998) destaca que, na bibliografia especializada consultada, não foi possível encontrar elementos que justifiquem o uso do alecrim tal como é apresentado pela medicina popular.

Já os informantes inquiridos para o ALPR fazem as seguintes atribuições:

Santo Inácio – informante feminina: “Que muitos colocam atrás da orelha...”;

Cambará – informante feminina: “Os benzedores até pegam galinho pra benzer”;

Cambará – informante masculino: “as folhas são igual um pinheirinho. A turma gosta de levar no domingo de Ramos pra benzer”;

Loanda – informante feminino: “Tem muitos que fala que é pra nervoso”;

Paranavaí – informante feminino: “Pra dá sorte, não pra doença”.

A **arruda** – *Ruta graveolens* – é encontrada em Ferreira (2004) com a seguinte definição:

[Do lat. ruta, pelo ár. ar-ruTâ.] S. f. Bot. 1. Designação comum a várias espécies da família das rutáceas, nativas da Europa

meridional, aromáticas e medicinais, das quais a mais comum é a *Ruta graveolens*.

Em Morais Silva (1949-1959), a arruda é classificada como:

s.f. (do lat. *Ruta*). Bot. Nome de várias plantas da família das rutáceas. A *Ruta graveolens*, Lin. É a arruda vulgar na região mediterrânea e no Oriente – As folhas deste arbusto, de cheiro forte, secas têm aplicações medicinais: e mais entances usarião da arruda medicinalmente, por ser contra a peste, Garcia de Orta.

Dentre as diversas denominações para a planta, Morais Silva (1949-1959) registra: ‘s. f. Bot. Planta medicinal brasileira pouco freqüente em Portugal e arruda-galega’, apresentando as seguintes variantes para a lexia: *arruda-brava*, *arruda-comum*, *arruda-da-praia*, *arruda-de-campinas*, *arruda-de-folhas-miúdas*, *arruda-de-são-paulo*, *arruda-de-são-pedro*, *arruda-do-campo*, *arruda-do-mato*, *arruda-dos-muros*.

Câmara Cascudo (1972) dá a seguinte definição:

Ruta graveolens – amuleto no catimbó, contra o mau-olhado; afugenta com sua presença as forças contrárias. Serve para os banhos-de-cheiro, propiciadores de felicidades. (Pará-Amazonas). Emenagogo e abortivo. Fortificante nervoso, sudorífico. Sementes são inseticidas e anti-helmínticas. Foi sempre planta cultivada em casa, nos quintais, cuidada e querida como precaução terapêutica.

No caso da designação encontrada para *arruda*, a diferença está em Câmara Cascudo (1972), que faz referência ao uso para afugentar maus fluidos e propiciar felicidade. Ferreira e Morais Silva limitam-se às indicações medicinais.

Em Camargo (1985) consta como sendo usada como emenagogo e vasoconstritor periférico. A autora cita Herand, que destaca: “arruda é um veneno simultaneamente irritante e narcótico-acre, com ação direta e rápida sobre o

estômago, o duodeno e o útero”. Quanto ao uso externo, diz tratar-se de estimulante, antiespasmódico, carminativo, diaforético, emenagogo, podendo ocasionar grave hemorragia em mulheres grávidas, seguida de morte do feto, sem aborto. As sementes e folhas são anti-helmínticas. Penna (1946, p. 341 apud CAMARGO, 1985), em seu *Dicionário Brasileiro de plantas medicinais*, afirma que a arruda é “estimulante, anti-helmíntica e emenagoga” quando de uso interno e, externamente é empregada em escoriações, unhas encravadas e lesões do perióstio. Quando usada na medicina popular, empregam-na geralmente como abortivo. Usam-na, também, externamente na forma de sumo, obtido das folhas, que se pinga no ouvido em casos de dor e nos olhos.

Os informantes questionados por ocasião da elaboração do ALPR (AGUILERA, 1994) destacam as seguintes atribuições:

Santo Inácio – informante feminino: “Arruda, como usa eu num sei, porque eu nunca usei... arruda. Vejo falá que é bom, mulher quando ganha nenê usa arruda, com pinga, num sei pra que”;

Santo Inácio – informante masculino: “É aquela planta que serve pra mau-olhado, e dizem que pra quando tem prova difícil uma coisa, leva na iscola p’ajudá a lembrá das perguntas, né”;

Cambará – informante feminino: “A planta que usa pra espantar mau-olhado”;

Jacarezinho – informante feminino: “Arruda é pra muié de dieta, tá de dieta de nenê novo né, intão as vez da dor de cabeça, recai, né, tão minha mãe curria faze o chá diz que era muito bom”;

Loanda – informante masculino: “Ah! Arruda eu ouvi dizê que quando a gente machuca o zóio assim a gente pega ela isfrega bem e vai assim e banha o rosto que é bom. É pra ar, a gente a veiz trabaiando na roça isfrega vara no oio assim, fica ruim, a gente lava, lava aquilo lá é munto bom”.

Em relação às formas variantes de *arruda* verificamos apenas a variante fonética *ruda*, registrada em algumas localidades do Paraná. Esta forma reduzida, na realidade, recupera uma forma primitiva derivada do termo científico em latim – *Ruta graveolens*.

O uso principal da arruda é como abortivo e tem sua justificativa, conforme constatado na literatura científica consultada. Também sabemos que existem registros do uso da arruda usada contra malefícios que remontam à Antiguidade Clássica

Camomila (maçanilha) – encontramos em Ferreira (2004) a seguinte designação:

Camomila – designação comum a diversas plantas da família das compostas, das quais as mais importantes, por seu emprego na farmacopéia universal, são a camomila-romana (*Anthemis nobilis*) e a camomila-dos-alemães ou matricária (*Matricaria chamomilla*). [Var.: camomilha.].

Em Morais Silva (1949-1959) há a seguinte definição:

S.f. (do lat. *Camomilla*). Bot. Nome vulgar de diversas plantas, de cujas folhas secas ou flores se fazem infusões medicinais. Há o registro das variantes: camomila-comum – s.f. Bot. Macela (*matricaria chamomila*), camomila-fétida e camomila –romana.

Em Câmara Cascudo (1972) não há registro dessa lexia.

A parte da planta utilizada, de acordo com informações de Camargo (1985, p. 59), é a flor.

O princípio ativo é o óleo essencial com azuleno e matérias resinosas (Coimbra; & Dinis, 1942:58); (Font Quer, 1978:809). Ácido anthemico (princípio amargo) presente na inflorescência (Ratera & Ratera, 1980:79). É utilizada para problemas estomacais, carminativo, antiespasmódico, diaforético, calmante, segundo (Coimbra & Dinis 1942:57), Valnet (1974:157), Font Quer (1978:809) e Ratera & Ratera (1980:79).

Sobre usos na medicina popular, Camargo (1985) destaca que a camomila geralmente é usada como antiespasmódico e carminativo, na forma de infusão, para crianças.

Os informantes destacam que a planta é utilizada para dor de barriga, como, por exemplo:

Primeiro de Maio – informante feminino: “Camumila. ((Também bom para dor de barriga?)) É.

Paranavaí – informante feminino: “Chá de camomila, nós faiz chá de camumila”.

Catinga-de-mulata é definida por Ferreira (2004) como:

designação de várias plantas ornamentais da família das compostas, geraniáceas, e labiadas, que podem ser arbustivas, prostradas ou herbáceas, e levam flores aromáticas.

Em Moraes Silva (1949-1959) encontramos lexicalizado com a seguinte definição:

S.f. Bot. Arbusto de flores amarelas e flores cordiformes, pertencente à família das labiadas. (*Leucas martinicensis*). Erva da família geraniáceas, também chamada de gerânio, malva-flor e pelargônio, cujas raízes em infusão passam por ter virtudes curativas do reumatismo em uso externo (*Pelargonium zonale*, L'Herite) erva da família das compostas, também chamada de erva-contra-vermes, tasneira e atanásia-das-botica (*Tanacetum vulgare* Lin).

Em Câmara Cascudo (1972) e em Camargo (1985, 1998) não há registros.

Os informantes dão as seguintes indicações: de acordo com a informante de Cândido Rondon, a planta é utilizada para dor de barriga; já o informante de Laranjeiras do Sul utiliza a erva macetada para pôr em machucado. Ainda é citada pelo informante de Jacarezinho, onde é utilizada para fazer emplastro e colocar em machucados e torções.

Chifre (*raspa de chifre de veado*): não há referência dessa prática nos dicionários consultados. Citados por Camargo (1985), Ihering (1940, p. 835) e Couto de Magalhães (1939, p. 315) afirmam que, na Medicina Popular, “os cornos, ao lado de ossos, dentes e mandíbulas de animais, já eram usados na medicina antiga e suas virtudes deviam-se ao fosfato de cálcio”.

Chernoviz (1908, p. 935 apud CAMARGO, 1985) estudou o assunto e observou que a “composição dos chifres é gelatinosa, contendo fosfato de cal e carbonato de cal”. O mesmo autor já se referia ao uso, na forma de cozimento, para diarreia, ao mencionar a ponta de veado calcinada empregada na medicina da época. Ainda hoje as raspas de pontas de veado fazem parte do receituário popular, principalmente quando se trata de garrafadas para verminose e para evitar

complicações após o parto. Porém, muitas vezes, pela falta do chifre de veado, substituí-se por chifres de boi.

O emprego do chifre é generalizado no Brasil, segundo alguns autores que têm tratado de medicina popular. Amorim (1959, p. 112 apud CAMARGO, 1985), em Alagoas, faz referência à pedra de veado, que se prepara colocando o chifre dentro de um bolo de barro massapé, que se faz louça e deixa-se secar. Em seguida, é levado ao fogo, onde permanece até ficar bem queimado e de cor escura. A pedra, para ser aplicada, deverá estar molhada em leite, de preferência de cabra. Geralmente não empregam o pó proveniente da raspa, mas a aplicação da própria pedra sobre ferimentos provenientes de picadas de cobra e mesmo por cachorro louco, para que a pedra absorva o veneno presente na ferida. Costume semelhante foi narrado no século passado por Martius (1979, p. 147 apud CAMARGO, 1985) quando se referiu aos medicamentos do reino animal utilizados pelos índios que

cortam a armação do veado (*Cervus paludosus*), *susuapara* (tupi), em pedaços quadrangulares, de uma polegada de comprimento, reduzem-nos a quase carvão e neles gotejam banha. Os pedaços de chifres assim preparados são amarrados sobre as mordeduras de cobra, das quais absorvem todo o veneno.

Oliveira (1977, p. 42 apud CAMARGO, 1985), no Piauí, também registrou o uso da raspa de chifre como matéria-prima de medicamento. Em Ibiúna, SP, usa-se, ainda, queimar e fazer a criança cheirar a fumaça para evitar a eliminação de vermes intestinais através do vômito, assim como se usa fazer a mesma fumaça para afugentar cobras.

Os informantes do ALPR (AGUILERA, 1994) utilizam a raspa de chifre associada ao chá de hortelã e erva-de-santa-maria, prática esta que foi

mencionada pelos informantes de Ibaiti, Siqueira Campos, Umuarama, Ortigueira, Tibagi, Assis Chateaubriand, Castro, Cerro Azul, Pitanga, Laranjeiras do Sul, Guarapuava, Curitiba, Lapa e Rio Negro.

Comigo-ninguém-pode: em Ferreira (2004), é assim definida:

[De *comigo* + *ninguém* + a 3ª pess. do pres. do ind. do v. *poder*.]
Substantivo masculino de dois números 1. Bras. Bot. Planta da família das aráceas (*Dieffenbachia picta*), de bagas vermelho-alaranjadas, cultivada em jardins, cáustica e venenosa; aningapara.

Em Moraes Silva (1949-1959) e Câmara Cascudo (1972) não há registro.

Segundo Claus & Tyler (1968, p. 468 apud CAMARGO, 1985), “a ingestão dessas folhas produz graves lesões de boca, esôfago e estômago, devido ao oxalato de cálcio e provavelmente a outros princípios não identificados”.³

Hoehne (1939, p. 85 apud CAMARGO, 1985), diz: “A seiva da planta é tão cáustica que, em se tocando nela a ponta da língua, esta incha de modo tal que em poucos minutos a vítima se torce de dores e fica impossibilitada de falar”. Quanto ao uso na medicina popular, usa-se o decocto das folhas em hidropsia. Pesquisa realizada em favelas, em São Paulo, registrou o uso do decocto das folhas como abortivo. Nos cultos afro-brasileiros, o comigo-ninguém-pode é usado para proteger pessoas e ambientes contra maus fluidos.

³ “La ingestión de estas hojas produce graves lesiones corrosivas de la boca, esófago e estómago, debido al oxalato de calcio y probablemente a otros principios no identificados”. Tradução nossa.

Os informantes usam a planta associada à guiné para atrair sorte. De acordo com o informante de Ribeirão do Pinhal, “O cumigo-ninguém-pode é pra mai oiado né, é isso ai: [...]”.

Erva-(de)-santa-maria - de acordo com Ferreira (2004):

[De erva + de + o hag. Santa Maria.]S. f. Bras. Bot. 1. Planta da família das quenopodiáceas (*Chenopodium ambrosioides*), de caule herbáceo e decumbente, cujas folhas são ovais, sinuosas e serradas, de cheiro muito ativo, sabor acre, consideradas vermífugas, sendo as flores esverdeadas, reunidas em glomérulos; caperijoba; erva santa-maria.

Em Moraes Silva (1949-1959) consta o seguinte registro: “s.f. Planta medicinal, quenopodiácea, mastruço, mentruz (*Chenopodium anthelminticum*, L.) Planta anual, o mesmo que pimenteira branca”.

Em Câmara Cascudo (1972) não encontramos registro.

Segundo Parodi (1959 apud CAMARGO, 1985):

nome vulgar: Ambrósia-do-méxico, apazote, chá-do-méxico, cravinho-do-mato, erva-ambrósia, erva-formigueira, mastruço (GO), mastruz (GO, ES, AM, RN), mentrasto, mentrei, mentruço, mentrusto, mentruz (PB), pacote, quenopódio (AM, ES).

Sobre as propriedades medicinais destaca-se a essência obtida dos ramos floridos e frutificados por destilação a vapor; é empregada na ascaridíase e na ancilostomose. Sua ação anti-helmíntica deve-se à paralisia que produz sobre a musculatura do parasita, de acordo com Mingoia (1967, p. 679 apud CAMARGO, 1985). O mesmo autor comenta que, sendo o ascaridiol muito tóxico, o emprego da essência em doses elevadas pode ocasionar acidentes ou mesmo a morte. O

ascaridiol presente no óleo essencial, princípio anti-helmíntico, ocorre em todos os seus órgãos, mas em maior concentração no fruto. Alguns autores indicam-na como peitoral, vulnerário e vermífugo, combatendo ascarídeo, ancilóstomo, oxiúro e tênia. Font Quer (1978, p. 154 apud CAMARGO, 1985) afirma que a ação vermífuga deve-se ao uso da essência, pois o emprego da planta natural é ineficaz. Diz o autor que a essência administrada em crianças deve ser uma gota por ano de idade misturada ao óleo de rícino, cuja ação laxativa facilita a eliminação de vermes. Acrescenta, ainda, a propriedade estomacal da infusão das sumidades floridas.

Pesquisando em Camargo (1985), encontramos outros autores que fazem referência às qualidades desta planta: Watt & Breyer-Brandwijk (1962, p. 187) faz referência à infusão do quenopódio como estomacal, segundo seu uso em regiões da África; Gibbs (1974, p. 237) indica a presença de um glicosídeo cianogenético nas folhas e frutos. No Index Merck (1976, p. 5332 e 6598) há uma referência à ação irritante sobre a pele, provocada pelo limoneno, um dos componentes do óleo essencial.

Ainda citando Camargo (1985) sobre o uso na medicina popular: pesquisas em diversas regiões do Estado de São Paulo e em favelas da capital registraram o uso da erva-de-santa-maria na verminose, principalmente infantil, nas contusões e nas afecções do aparelho respiratório. No primeiro caso emprega-se, geralmente, o sumo da planta toda, que se obtém espremendo-a em pano. Informantes procedentes de Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e interior do Estado de São Paulo recomendam o uso desse sumo misturado ao leite e tomado em jejum, durante três dias, a fim de combater verminose em crianças. Os parasitas intestinais, segundo informantes são conhecidos por “bichas” ou “vermes”. “As bichas são aqueles muito pequenos, que às vezes nem se vê, e vermes são os compridos”

(CAMARGO, 1998). Para vermes, a erva-de-santa-maria deve ser misturada com hortelã da folha miúda e alho cortado em cruz. Acrescentam, ainda, que vermífugo se usa tomar na mingunte, época em que os vermes e bichas estão fracos. No Ceará (MAGALHÃES, 1966 apud CAMARGO, 1985, p. 74),

o vermicida só fará efeito se tomado em noite sem lua, porque em noites claras os vermes estão de cabeça para baixo e em noites escuras as têm voltadas para cima, feição que nesta última postura, quando o vermicida desce ao conduto digestivo, os vermes logo os engolem.

No Nordeste (CEZAR, 1941 apud CAMARGO, 1985), “um vermífugo, para produzir efeito satisfatório, deve ser tomado de madrugada, antes do sol sair, sem falar e sem olhar para mato verde e para espelho”.

Portanto, a importância dada à fase da lua para se administrar um vermífugo, pode-se dizer, trata-se de costume generalizado no País, conforme registrado por vários autores.

A erva-de-santa-maria já era conhecida dos astecas, que a conheciam por “epazolt”, pois seu emprego era geral, na América, desde o México até o Rio da Prata. Os guaranis chamavam-na caa-ne, de acordo com Pardal (1937 apud CAMARGO, 1985). No Paraguai, no período pré-colonial, na medicina tupi-guarani, a dermatite de penetração larvária da anquilostomíase era curada com infusão de Kaaré (*Chenopodium ambrosioides* Linné), conforme Gonzales (1965 apud CAMARGO, 1985). Essa indicação vem concordar com que se vem fazendo, hoje, em dermatologia, quando se usa o óleo de quenódio associado ao colódio, no tratamento local da helmintíase migrante (*Larva migrans*), conhecida por bicho-geográfico (CAMARGO; SCAVONE, 1978 apud CAMARGO, 1985). O pó resultante

da semente torrada e moída, misturado ao vinho branco, é indicado para “problemas de fígado e bexiga”, segundo informantes de Ibiúna-SP, em 1981.

De acordo com informantes de Primeiro de Maio, Bandeirantes, Cambará, Jacarezinho, Loanda, Paranaíba, Maringá, Londrina, Apucarana, São Jerônimo da Serra, Ibaiti, Siqueira Campos, São José da Boa Vista, Umuarama, Ortigueira, Jaguariaíva, Tibagi, Assis Chateaubriand, Campina da Lagoa, Manoel Ribas, Castro, dentre outras localidades pesquisadas, observamos ser unânime a utilização da planta para tratar verminose infantil.

Erva-doce: Ferreira (2004) solicita a busca por anis ou funcho e dá a seguinte definição:

S. f. Bot. 1.V. anis (1). 2.V. funcho. [Pl.: ervas-doces.] [Do gr. ánison, de or. oriental, pelo lat. anisu e pelo fr. anis.] S. m. 1. Bot. Erva da família das umbelíferas (*Pimpinella anisum*), originária do Egito, a qual fornece a essência de anis, usada na fabricação de licores e xaropes; erva-doce, pimpinela. 2. V. anisete. 3. Bot. Árvore ornamental da família das rutáceas (*Clausena anisata*), originária da Ásia, cujo perfume lembra o do anis (1).[Pl.: anises.] [Do lat. tard. *fenuculu*.] S. m. Bot. 1. Planta aromática e ramosa, da família das umbelíferas (*Foeniculum vulgare*), de flores amarelo-esverdeadas, dispostas em numerosas umbelas compostas, e cujo fruto é diaquênio oblongo, glabro, com tubos oleaginosos; anis-doce, erva-doce, mátrato, maratratro. [Esta espécie deve ter sido introduzida no Brasil pelos primeiros colonos, tal a importância medicinal que então se lhe atribuía.].

No entanto, não há registro da lexia em Moraes Silva (1949-1959) nem em Câmara Cascudo (1972). Também não há referência em Camargo (1985; 1998).

Guiné – Segundo Ferreira (2004),

Do top. Guiné. S. f. 1. Bras. Bot. Planta da família das fitoláceas (Petiveria tetrandra); erva-pipi, tipi, tipu, tipuana. 2. Bras. PE Zool. V. galinha-d'angola.

Morais Silva (1949-1959) faz a seguinte referência:

s. f. Brás. Planta; o mesmo que erva-pepi e mucura-caá. Madeira, de que se fazem figas. Bot. Nome vulgar brasileiro da Trixis divaricata Spring, arbusto da família das asteráceas, a que se atribuem propriedades medicinais.

Em Câmara Cascudo (1972) não ocorre registro.

Camargo (1985), em pesquisa realizada em favelas da cidade de São Paulo, registrou o uso freqüente de guiné na composição de garrafadas para reumatismo. Ainda para reumatismo, Araújo (1958, p. 147 apud CAMARGO, 1985), registrou, em São Luís do Paraitinga, o uso do guiné, e Borges Ribeiro (1971, p. 81 apud CAMARGO, 1985), em Minas Gerais, na forma de compressa feita das folhas, e chá da raiz para 'nervo entortado'.

São atribuídos, ainda, poderes mágicos ao guiné, comumente usado para afastar espíritos maus.

Os informantes utilizam guiné com indicações semelhantes às registradas por Camargo (1985), uma vez que as referências aos poderes mágicos da planta são mencionadas com alta freqüência na fala dos inquiridos. De acordo com a autora, guiné é mais uma das plantas introduzidas na África e usadas em rituais do universo religioso iorubá.

Hortelã: segundo Ferreira (2004).

Do lat. tard. hortulana, com dissimilação.

S. f. Bot. 1. Erva rasteira da família das labiadas (*Mentha viridis*), cujas morfologia e propriedades se assemelham às da hortelã-pimenta (q. v.). 2 V. levante2 (3).

Em Moraes Silva (1949-1959), em Câmara Cascudo (1972) e em Camargo (1985; 1998) não há registro.

Ipê: segundo Ferreira (2004),

do tupi = 'árvore cascuda'. S. m. Bras. Bot.

1. Designação comum às árvores do gênero *Tabebuia* (antes, *Tecoma*), da família das bignoniáceas, de que há dois tipos: a de flor amarela e a de flor violácea. Muito ornamentais pela floração belíssima, são dotadas de lenho muitíssimo resistente à putrefação. O ipê é considerado árvore nacional. [Sin.: pau-d'arco e peúva. Var. pros. (menos us.): ipé (q. v.)] 2. V. peroba-de-campos.

Moraes Silva (1949-1959) os dá a seguinte definição:

s. m. Bot. Gênero de árvores do Brasil e da África, da família das faseoláceas, cesalpiniáceas. Ipê, o sagrado pau de arco dos gentios desta terra... Graça Aranha. Há registro das variantes: Ipê-açu, Ipê-amarelo, Ipê-batata, Ipê-bóia, Ipê-branco.

Em Câmara Cascudo (1972) e em Camargo (1985; 1998) não encontramos registro.

Jasmim-de-cachorro: não há registros dessa prática nos dicionários pesquisados, nem em Camargo (1985; 1998). No entanto, em conferência proferida no Congresso "Cultura Caiçara", em 1996, Camargo cita Alceu Maynard Araújo:

No Brasil contemporâneo, o *jasmim-de-cachorro* ou *jasmim-do-campo*, como são conhecidas as fezes do cão, como de outro animais, a medicina popular emprega na preparação de remédios. Cita-se como exemplo as: fezes de cachorro para sarampo e varíola, de gato para terçol, de papagaio para dor de ouvido, de galinha para curar espinhas no rosto E o sangue de boi é usado para curar tuberculose.

Em outro texto, este para a Jornada de Estudos Medievais, Camargo (2000) diz a respeito de Mário de Andrade:

Comenta, ainda, que o uso da urina estava nos livros de medicina divulgados pelo dr. Francisco da Fonseca Henriques Trasmontano, médico de D.João V, nos quais indicava a urina do enfermo na cura do mau olhado além do *jasmim de cachorro* (excremento seco de cachorro) *nas doenças mais fisiológicas*.

Há, ainda, menção dessa prática em sua obra *Macunaíma*.

Outros autores também citam *jasmim de cachorro* em suas obras, tais como: Domingos Olímpio em *Luzia-Homem* (1984); Monteiro Lobato em *Urupês* (1918), além de outras não tão difundidas nacionalmente, como o livro *Rapa de tacho – Causos gauchescos*, de Apparicio Silva Rillo ([s.d.]), que comenta:

[...] o dejetto do cão, após bem seco e haver tomado uma coloração branquicenta, é porrete para um série de doenças, especialmente do pulmão e vias respiratórias. Dão-lhe o nome de Jasmim de Cachorro e deve ser ingerido sob a forma de chá. (RILLO in <<http://www.aranhasite.pop.com.br/gauderia.html#jasmim>>)

Os informantes descrevem a utilização do uso da seguinte forma: de acordo com a informante de Paranaíba, utiliza-se para arrebentar sarampo “a sabuguera com jasmim. O jasmim é cocô de cachorro. A gente faiz o chá e amarra o jasmim num paninho e cõa aquele chá e vai dando pra criança”.

Mastruço/Mastruz: segundo Ferreira (2004),

Do lat. vulg. *masturtiu, por nasturtiu. S. m. Bras. Bot. 1. Pequena erva da família das crucíferas (*Senebiera pinnatifida*), que aparece ocasionalmente em canteiros e vasos, e cujas folhas, muito subdivididas, têm propriedades medicinais. [Var.: mastruz e mentruz.].

Em Morais Silva (1949-1959) a informação é que

(mastruço, mentruz (*Chenopodium quinoa*, L.) é uma variante de erva-de-santa-maria.

Em Câmara Cascudo (1972) não há registro.

Em Camargo (1998), pesquisas em várias regiões do Estado de São Paulo e em favelas da capital registraram o uso do mastruz na verminose, principalmente infantil, nas contusões e nas afecções do aparelho respiratório. Informantes procedentes de Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e interior do Estado de São Paulo recomendam o uso desse sumo misturado ao leite e tomado em jejum, durante três dias, a fim de combater verminose em crianças.

Os parasitas intestinais, segundo informantes, são conhecidos por bichas ou vermes. As bichas são aqueles muito pequenos que, muitas vezes, nem se vê, e os vermes são compridos. Para vermes, o mastruz deve ser misturado com hortelã da folha miúda e alho cortado em cruz. Acrescentam, ainda, que vermífugo se usa tomar na mingunte, época em que os vermes e bichas estão fracos, costume este observado em vários estados para a ingestão do chá da erva-de-santa-maria.

Nas contusões, é freqüente o uso do mastruz, conforme informantes de favelas de São Paulo oriundos de vários estados. Empregam a planta pisada,

que é enrolada com panos sobre as regiões contundidas do corpo, para que aí permaneçam até desaparecerem as dores. Provavelmente, isto se deve à ação irritante e rubefaciente do limoneno presente no óleo essencial. A planta é usada, ainda, como peitoral e estomacal.

De acordo com Camargo (1998), os usos do mastruz na medicina popular se apresentam, de certa forma, semelhantes em todo o país. Seu emprego como vermífugo está plenamente justificado, conforme indica a literatura especializada, pois apresenta o ascaridol, presente no óleo essencial de ação anti-helmíntica, assim como seu uso em afecções do aparelho respiratório, cuja ação pode estar relacionada ao glicosídeo cianogenético e, ainda, seu uso em contusões, cujos resultados podem se prender à ação rubefaciente do limoneno, também presente no óleo essencial.

Rubim: Ferreira (2004) define:

De rubi, com nasalação.S. m. 1. Rubi: & & [Dim. irreg.: rubinete.] 2. Bras. Erva da família das rubiáceas (*Borreria tenella*), de flores alvas, considerada emética. 3. Bot. Erva da família das labiadas (*Leonorus sibiricus*), ruderal, de flores roxo-claras. 4. Bot. V. cordão-de-frade.

Morais Silva (1949-1959) dá a seguinte definição:

Bot. Designação brasileira *Borreria tenella* da família das rubiáceas, subfamília das cofeóideas, tribo das espermacóceas, a que são atribuídas propriedades eméticas, também chamada de cordão-de-frade. A mesma denominação atribuída no Brasil ao *Leonorus Sibiticus* Lin. Erva da família das labiadas, subfamília das estaquióideas, tribo das estaquiéas.

Em Câmara Cascudo não há referência.

Camargo (1985) destaca que, em Ibiúna-SP, registrou-se o uso do sumo das folhas colocado sobre feridas arruinadas, fazendo-as secar, e do chá abafado feito com três ou quatro folhas para dores de rins. Bezerra (1977 apud CAMARGO, 1985), menciona o remédio no Rio Grande do Norte, preparado com folhas e hastes de rubim, e empregado para combater dificuldade para urinar, hemorragia uterina, asma e perturbações do estômago.

Os informantes do ALPR (AGUILERA, 1994) utilizam a erva para fazer emplastos para machucaduras

Sabugueiro: de acordo com Ferreira (2004),

De sabugo + -eiro. S. m. Bot. 1. Arbusto ornamental, da família das caprifoliáceas (*Sambucus nigra*), originário da Europa e cultivado em jardins, que tem folhas imparipenadas, e cujas flores, alvas e minutas, se reúnem em vastas inflorescências que, dessecadas, constituem droga clássica como sudorífero; sabugo.

Em Moraes Silva (1949-1959) consta:

s.m. (de Sabugo) Bot. Nome de bem conhecida árvore cuja madeira está cheia de sabugo e cujas flores são aromáticas e empregadas na terapêutica pelas suas propriedades emolientes, calmantes e sudoríficas, é o nome vulgar da *Sambucus nigra*, Lin; arbusto ou pequena árvore da família das caprifoliáceas, tribo das sambúceas. Há ainda registros das variantes sabugueiro-de-água, sabugueiro-do-campo, sabugueiro-dos-pântanos.

Em Câmara Cascudo (1972) não há registro.

Marcgrave, comentado por Alberto J. de Sampaio (apud CAMARGO, 1998), registrou, no século XVII, o uso do sabugueiro *Sambucus nigra* Linné, como planta exótica, isto é, planta cultivada e não nativa. Nessa mesma obra não há

referência à espécie brasileira como *Sambucus australis*, usado para combater febre de sarampo.

7 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COM BASE NA VARIÁVEL DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA

Na carta 1, a distribuição diatópica da variante *erva-doce* indica a sua alta freqüência em todo o território paranaense, não se caracterizando como forma regional, mas produtiva em toda a fala do Paraná. Trata-se de um saber compartilhado e altamente disseminado pelas comunidades rurais. Igualmente com propriedades semelhantes citam-se a maçanilha, predominante no sul e camomila, no norte formando uma zona de isoléxica. A **hortelã**, embora menos freqüente, foi lembrada para a cura de cólicas do bebê, excetuando-se no Norte Novíssimo e no Extremo Sul, nas localidades próximas à divisa de Santa Catarina. Sua principal propriedade está na verminose infantil como consta da carta 2.

Na carta 2, as variantes relatadas para curar ‘bichas’ das crianças distribuem-se de forma irregular. Enquanto **hortelã** está disseminada por todas as regiões com esta propriedade terapêutica, a **erva-de-santa-maria** não chega aos pontos lingüísticos do Norte Novíssimo, onde como já referimos, o desmatamento foi radical; também não ocorre na região sul, nos pontos em contato com Santa Catarina, onde é forte a influência de imigrantes alemães, italianos e poloneses, o que significa a não absorção de práticas mais caboclas. Em relação ao **chá-de-chifre**, observa-se que é uma prática em desuso tendo sido relatada por apenas 13 dos 130 informantes investigados.

Constam da carta 3, não só a referência à erva específica para ‘arrebentar o sarampo’, bastante disseminada dentre a comunidade rural paranaense, como também o uso da palha roxa do milho, com tal propriedade, além

da prática de secar as fezes do cachorro, torrá-las, reduzi-las a pó e acrescentar a outro chá quente: o chá de jasmim.

O uso das flores do sabugueiro sob a forma de chá para combater ou apressar o sarampo é bastante comum em todas as regiões paranaenses. Observa-se pela distribuição diatópica que a **palha roxa** é concentrada na área correspondente ao Paraná Tradicional, não se verificando na do Paraná Moderno. O mesmo se pode atribuir ao **chá de jasmim** que, embora com menor produtividade que a **palha roxa**, foi lembrado nos pontos 30, 35, 43, 44, 53 e 55, correspondentes às regiões mais antigas do Paraná.

Na carta 4, por se tratar de pergunta voltada a determinadas práticas de benzimento e de curandeirismo, a de espantar mau-olhado, condenadas por alguns setores religiosos, verificou-se que não houve resposta em 20% das localidades investigadas. No entanto, a referência a três principais plantas – **arruda**, **guiné** e **alecrim** - com tais propriedades, segundo a ótica dos informantes, demonstra que a interdição ainda não chegou a todos os lares paranaenses.

Na carta 5, a perguntava solicitava o nome da árvore de flores roxas ou amarelas, todos os inquiridos revelaram conhecer apenas **Ipê**, não houve nenhuma outra ocorrência, ou seja, nenhuma outra designação para esta planta. A carta ilustra que o domínio do conhecimento desta árvore é predominantemente masculino. E a incidência de registros está concentrada nas áreas onde as matas ainda estão preservadas, observamos que onde ocorreu desmatamento, os informantes já ouviram falar, mas não conhecem.

Na carta 6, a perguntava solicitava o nome da planta utilizada para fazer emplastro, 54% dos registros apontam a utilização de **rubim** para tal finalidade e 46% para **mentruz**, essa prática de preparar a planta macerada para cuidar de

'machucaduras' é do conhecimento feminino e masculino e muito comum no meio rural.

Na carta 7, as plantas indicadas para atrair sorte aparecem na seguinte ordem: 56% dos entrevistados conhecem e utilizam **guiné**, 34% utilizam **arruda** e 10% indicaram **comigo-ninguém-pode**, muitas vezes a indicação é associada, as três plantas, aparecem juntas para efetivar o objetivo de atrair a sorte.

Cabe destacar Di Stasi (1996) nas suas considerações sobre o ambiente. O autor ressalta que o tempo durante o qual uma determinada sociedade ocupa um local é muito importante para estabelecer o nível de precisão e profundidade do conhecimento que ela desenvolve a respeito dele. Isto se aplica igualmente ao conhecimento sobre plantas com propriedades terapêuticas: seu ciclo de vida, *habitat*, peculiaridades subordinadas a tipo de solo, insolação, competição, enfim, muitos fatores ecofisiológicos importantes para o desenvolvimento da eficácia que se quer alcançar.

Tanto ambientes naturais como ambientes modificados pelo homem podem ser explorados para a obtenção de plantas medicinais. Na maioria das sociedades rurais brasileiras, quintais e pomares próximos à moradia desempenham importante função na manutenção de muitas espécies medicinais. O quintal é o local no qual se cultivam as espécies de uso mais comum e também aquelas obtidas de outras localidades; plantas e receitas são trocadas livremente entre vizinhos e parentes quando há necessidade, reforçando, desta forma, laços sociais e contribuindo para o consenso cultural.

No entanto, como adverte o autor, a exploração de ambientes naturais para obtenção de plantas medicinais depende do livre acesso a estes ambientes, bem como do seu grau de integridade. Tanto no Brasil como em outras

partes do mundo esta prática vem sendo limitada por mudanças no regime de propriedade e uso da terra. Um exemplo citado por Di Stasi (1996): as áreas do município de Santo Antônio do Leverger-MT, as terras de sesmarias, que antes eram de uso comum dos agricultores locais, têm sido ocupadas por fazendeiros, criadores de gado, geralmente provenientes do sul do país, que proíbem a entrada da população autóctone e transformam os cerrados, ricos em espécies de interesse terapêutico, em pastagens.

A concentração de terras em níveis elevados, por impedir o acesso do agricultor tradicional à terra de trabalho e impossibilitar a exploração dos ambientes circunjacentes para obtenção de diversos produtos importantes para a manutenção do modo de vida destas comunidades, também acaba por inviabilizar sua economia de subsistência. Poucas portas continuam abertas para estas comunidades, sendo a mais utilizada a que leva ao êxodo para as cidades. Com isto, corre-se o risco de perder não só espécies nativas com valor terapêutico, mas o conhecimento, ditado pelas experiências de muitas gerações, que orienta o seu uso.

8 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS E SUA RELAÇÃO COM AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Diversos trabalhos apontam a existência de diferenças no comportamento lingüístico das mulheres e dos homens. Nos estudos variacionistas, o sexo (gênero), como fator sociolingüístico, tem sido freqüentemente observado.

Com relação ao fenômeno que nos propusemos estudar – diferenças no conteúdo de conhecimento entre homens e mulheres sobre plantas medicinais –, pesquisas anteriores sobre o fenômeno mostram que homens e mulheres detêm conhecimentos diferenciados. Di Stasi (1996, p. 56) destaca:

a distribuição do conhecimento dentro de uma comunidade traz muitos matizes. Em várias sociedades, com relação às plantas medicinais, há diferentes domínios cognitivos a serem ocupados por um sexo ou por outro.

Assim, por exemplo, o conhecimento sobre remédios destinados a tratar problemas específicos do sexo feminino, ou de crianças, tenderá a ser mais profundo entre as mulheres do grupo. A familiaridade com determinados ambientes também poderá trazer diferenças no conteúdo de conhecimento entre homens e mulheres; estas podem vir a conhecer melhor os recursos vegetais distribuídos próximos da base familiar, enquanto os homens, que por suas próprias ocupações tendem a distanciar-se mais da casa, irão se familiarizar com outros tipos de vegetação. No entanto, essa especialização nunca é absoluta, pois, em boa parte, se não envolve proibições explícitas, subordina-se à personalidade e a interesses individuais.

Em outro trabalho, Lopes (1993) demonstra que muitos estudos, na tentativa de investigar o comportamento lingüístico de homens e mulheres, enveredam por caminhos tortuosos, considerando a variante masculina como efetivamente a “língua” e a feminina como o “desvio” ou, ainda, apontam para uma diferenciação sexual no uso da linguagem, com base em pesquisas desenvolvidas entre as chamadas “sociedades exóticas”, e que certos estudos limitam-se a indicar comportamentos lingüísticos de cada sexo baseados em estereótipos considerados como “verdades universais”.

Discute-se, em Labov (1990 apud LOPES, 1993), que no processo de variação estável, as mulheres não poderiam simplesmente ser consideradas como conservadoras, mas percebe-se que preferem e utilizam as formas “padrão” de maior prestígio, evitando formas estigmatizadas. Entretanto, nos processos de mudança lingüística ocorreria um fenômeno inverso, pois, nesse caso, as mulheres apresentam-se como inovadoras, introduzindo as variantes “não-padrão”.

Contudo, esse comportamento lingüístico de homens e mulheres não é sempre o mesmo nas diferentes segmentações da sociedade, pois há de se considerar a “interação entre sexo e outras categorias sociais, através de uma análise multivariacionista” (LABOV, 1990 apud LOPES, 1993).

Considerando os estudos de Di Stasi (1996) e de Lopes (1993), objetivamos relacionar essas discussões com o *corpus* da nossa pesquisa – a fala dos 130 informantes – uma vez que esse *corpus* apresenta características apontadas por ambos.

Di Stasi (1996) cita que, à medida que as sociedades relativamente isoladas e fechadas vão se tornando cada vez mais expostas à sociedade ocidental, vários fatores interferem para desestruturar a rede de transmissão do conhecimento

tradicional. Um deles é justamente a mudança de valor atribuído a este saber para assegurar a sobrevivência e a reprodução da sociedade: em face de novos problemas e novos desafios, surge um componente de incerteza quanto à eficácia dos velhos modos de agir.

Nosso *corpus* sobre essa discussão destaca semelhanças, pois as informações das mulheres e dos homens mais velhos apresentam mais profundidade e precisão de conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas em relação às informações das mulheres e homens mais jovens.

Isso se explica em função da falta de convívio dos jovens com os mais velhos. Parte significativa do tempo dos mais jovens é destinada à educação formal, que favorece o desinteresse pelos saberes populares e os torna mais vulneráveis à aculturação, fator que justifica a necessidade de coletar, o mais rápido possível, o máximo de dados sobre plantas medicinais para que as próximas gerações usufruam desses conhecimentos e tenham possibilidades de avançar nos estudos dessa área.

Nas cartas mapeadas a distribuição das designações indica não se tratarem de conhecimentos apenas masculino ou feminino. O gráfico dos percentuais ilustra tal afirmativa. O fato de homens e mulheres indicarem as mesmas utilizações de uma ou outra planta trata-se de prática comum a ambos os gêneros. Excetuando-se o caso de **Ipê**, em que há uma pequena diferença, e que justifica-se, conforme já mencionamos, por não tratar-se de uma prática comum às mulheres o desmatamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta dissertação, podemos afirmar que o propósito estabelecido de conhecer, analisar e discutir a distribuição diatópica das variantes lexicais para as plantas medicinais e práticas caseiras de medicina, relatadas no ALPR foi atingido na medida em que procedemos ao levantamento dessas variantes e que, em vez de apenas variantes diatópicas, estivemos diante de um quadro de outras práticas, algumas delas ainda desconhecidas até mesmo dos que trabalham com a medicina caseira ou com os fitoterápicos. Consideramos, particularmente, o chá-de-jasmim, do chá-de-chifre, o uso da pólvora, práticas registradas em regiões distintas do Paraná. Em outros casos, a algumas plantas foram atribuídas propriedades terapêuticas ainda não catalogadas, mostrando a interação do homem com os recursos que o meio ambiente lhe oferece.

Ao descrever o universo cultural relativo às práticas populares mais freqüentes para tratar de doenças como: verminose, ou “bicha de criança”, ou “criança assustada”; sarampo, machucaduras ou “carne magoada”; feridas expostas; dores de cabeça, nervosismo; além de práticas para “atrair a sorte” e para evitar o mau-olhado, aproximamo-nos do conhecimento de mundo das pessoas que mantêm a tradição oral como principal meio de transmissão de crenças, costumes e valores. Na seqüência, passamos a conhecer melhor a sua linguagem relativa ao subcampo semântico da medicina caseira, como foi proposta por Caruso, em seu Questionário para o Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo – ALESP.

O mapeamento das variantes léxicas do vocabulário das práticas de medicina caseira, correspondentes aos registros inéditos das respostas ao

questionário do ALPR, permitiu complementar o acervo de mapas do ALPR (1994), dando continuidade ao propósito de aproveitar material já coletado e armazenado, mas ainda inédito, no que se refere à sua cartografiação. Além disso, o mapeamento cumpre a função precípua da geolingüística que é a de permitir a visualização de um grande número de dados em menos tempo e num só documento, que é a carta geolingüística.

Com os dados mapeados tornou-se mais fácil visualizar a distribuição diatópica de determinadas designações, a sua concentração em determinada área, como a camomila e a maçanilha, a difusão de outras variantes ou práticas, bem como a vitalidade de algumas lexias em oposição à rarefação de outras, já em processo de arcaização, dado o gradativo abandono da prática em favor de outras mais científicas ou mais modernas. Observamos, igualmente, que o fato de haver maior concentração de registros na região que compreende o Paraná Tradicional está associado à existência da maior parte de reservas de matas nativas em relação ao quase total desmatamento na região do Paraná Moderno.

Ainda, a partir do mapeamento das variantes lexicais no campo semântico da medicina caseira, constatamos que as cartas fornecem elementos que possibilitam discussões dessa ordem, uma vez que nos propusemos registrar as diversidades lingüísticas, regionais e culturais no conhecimento das plantas medicinais. O objetivo deste estudo de compatibilizar a designação popular rural com a terminologia técnico-científica tem a finalidade de facilitar a comunicação entre medicina caseira e medicina convencional. Levantamentos semelhantes a este proporcionam uma interação verbal mais eficiente para uma maior e melhor compreensão entre ambas.

Dada a diversidade econômica, social e cultural do mundo e das diversas práticas descartadas, acreditamos que outros remédios produzirão uma compreensão maior da medicina no futuro, uma vez que o que a medicina já conquistou para a humanidade é algo muito amplo do que a medicina profissional do mundo civilizado. Os pesquisadores médicos e os profissionais da saúde devem, portanto, abrir seus olhos à grande dívida da medicina para com os leigos perspicazes, do passado e do presente, e equilibrar o ceticismo dos cultos com uma mente aberta, capaz de registrar a sabedoria médica não-tradicional.

Em síntese, o mapeamento evidencia, também, a importância de conhecer a realidade sociolingüística dos pontos investigados, porque dessa forma é possível conhecer a realidade de vida do povo, promovendo um desenvolvimento voltado ao ser humano, isto é, a ciência na busca do bem-estar do ser humano.

As variações, os empréstimos não se constituem em questões meramente lingüísticas, mas refletem a influência cultural e demais características às quais esteve sujeita a região. Uma vez que o indivíduo se revela pela língua; por extensão ela também revela o subgrupo a que pertence esse indivíduo. Da mesma forma que há marcas específicas que caracterizam um estilo individual, há características grupais – sejam grupos regionais, sociais ou profissionais – passíveis de serem observadas.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná** – apresentação. Londrina: Editora da UEL, 1996.

_____. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

_____. **Atlas Lingüístico do Paraná** – acervo digitado. Depositado na sala 169 do Centro de Letras e Ciências Humanas. Inédito. 1990a.

_____. **Atlas Lingüístico do Paraná** – acervo impresso. Depositado na sala 169 do Centro de Letras e Ciências Humanas. Inédito. 1990b.

_____. **Atlas Lingüístico do Paraná** – acervo sonoro. Depositado na sala 169 do Centro de Letras e Ciências Humanas. Inédito. 1990c.

ALMEIDA, Maria Antonieta Carbonari de. **Aspectos lexicais dos contos de Lygia Fagundes Telles**. 1991. Tese (Doutorado em Lingüística e Filologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Assis.

AMARAL, Amadeu. [1920] **O dialeto caipira**. Disponível em: <<http://biblio.com.br>>. Vários acessos.

AYALA, Maria Ignez Novais. A cultura popular em uma perspectiva empenhada de análise. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (Org.). **Oralidade e literatura**. Manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Eduel, 2003. p. 81-112.

BIDERMANN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **A.L.F.A.**, Revista de Lingüística, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios)

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3. ed. rev. e aum. Brasília: Instituto Nacional do livro, 1972. 2 v.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Breve estudo da influência potuguesa na medicina popular do Brasil desde seu descobrimento**. In: JORNADA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, Aracaju, jan. 2000. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/herbarium/influenciaportuguesa.html>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

_____. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo: Ícone, 1998.

_____. **Vestígios da medicina popular da população litorânea do Brasil do período colonial, nas práticas médicas populares de hoje.** In: CONGRESSO “CULTURA CAIÇARA”, 1996. Conferência. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/herbarium/caicara.html#ARAUJO>>. Acesso em: 15 ago. 2005.

_____. **Medicina popular:** aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral. São Paulo: ALMED, 1985.

CARDOSO, Suzana A. M.; FERREIRA, Carlota. **A Dialectologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994. (Repensando a Língua Portuguesa)

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. Atlas Lingüístico do Brasil – questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem.** 2. ed. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987. (Coleção Linguagem 16).

_____. **Tradição e novidade na Ciência da Linguagem:** estudos de história da lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/Editora da Universidade de São Paulo, 1980. (Coleção Linguagem 9).

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo.** Rio de Janeiro: Ática, 1991. (Série Princípios)

DI STASI, Luiz Cláudio (Org.). **Plantas medicinais:** arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística Histórica** – uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.

LELES, Dejour Barbosa N. de. O léxico da flora medicinal: uma abordagem sociolingüística e cultural. **Estudos lingüísticos XXVIII**, São José do Rio Preto, UNESP, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Trad. Maria Celeste da Costa e Souza; Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Edusp, 1970.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LOPES, Edward. **Fundamentos de lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Princípios de Lingüística Geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972. v. 5.

MILANI, Gleidy Aparecida Lima. **Plantas medicinais e crendices populares: a arruda e a guiné no imaginário popular paranaense**. 1997. 77p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MONTES-GIRALDO, José Joaquín. Medicina popular y geolingüística. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 22., Bruxelas. **Neue Wegw der romanischen Geolinguistik: Akten dês Symposiums zur Empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. v. 5. p. 519-527.

MORAIS SILVA, A. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**: romance. São Paulo: Moderna, 1984. p. 7-17. Disponível em: <http://www.ig.com.br/paginas/novoigler/livros/luzia_homem_domingos_olimpio/>. Acesso em: 11 jul. 2005.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: _____.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do Léxico** – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 109-115.

_____. Regionalismos na *flora* do Brasil: um estudo no campo das plantas medicinais. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTIC AND PHILOLOGY, 22, Brucelas, 1998. **Actes...** Tübingen: Niemeyer, 1998.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 31).

PACHECO, Cibeli Viana et al. **Plantas da nossa gente**. A sabedoria popular o uso de plantas medicinais. Guarapuava: Grafel, s.d. (Projeto Florestas Medicinais)

RILLO, Apparicio Silva. **Rapa de Tacho Causos Gauchescos**. [s.d.] Disponível em: <<http://www.aranhasite.pop.com.br/gauderia.html#jasmim>>. Acesso em: 13 jul. 2005.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, 124)

ROOT- BERNSTEIN, Robert; ROOT- BERNSTEIN, Michele. **A incrível história dos remédios**: raízes, ervas e larvas na surpreendente formação da medicina moderna. Trad. Ana Gibson. Rio de Janeiro: Campus, 1998.


SAPIR, Edward. **A linguagem** – introdução ao estudo da fala. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

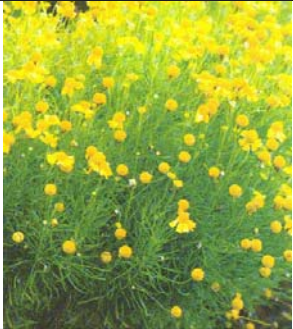



SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.




TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).





ANEXO




ANEXO 1
Quadro ilustrado da seleção adotada para a pesquisa

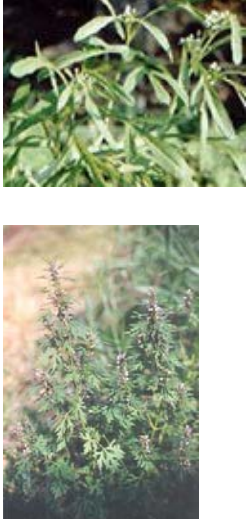

N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
88	semente para chá contra dor de barriga	erva-doce (Pinpinella anisum)	erva-doce, camomila, maçanilha, marcelinha, poejo, hortelã, funcho,		Não	funcho
89	folha para chá contra nervosismo	erva-cidreira (Melissa officinalis)	erva-cidreira, capim cidreira, capim santo, capim cidró, capim limão, cidrão		Sim (Cartas 47 e 48 – lexicais / Carta 171 – sintéticas)	
90	Erva contra “bichas” das crianças	erva-de-santa-maria (Chenopodium ambrosioides Linné)	erva de santa maria, chá de raspa de chifre, erva de erva-de-são-joão, erva de santana, poejo, hortelã		Não	erva de santa maria


N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
91	chá contra cólica	Camomila (Matricaria recutita)	camomila, maçanilha		Sim (Carta 49 – lexical / Carta 172 – sintética)	camomila, maçanilha
92	chá para criança assustada	hortelã (Curcuma zedoária)	hortelã, puejo, alevante, alho, hartelã, erva de são juão, alicrin, carquejo, hartelão, hortelã cum chifre, erva-doce,	  	Sim (Carta 111 – fonética)	hartelã

N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
93	chá para arreventar sarampo	Sabugueiro (Sambucus nigra)	sabugueiro, palha roxa, jasmim (de cachorro), poejo, canela, cravo, folha de laranja, maçanilha, malva, eucalipto, vassourinha.		Não	
94	Cravo	cravo	canela, clavo, nó-noscada,		Sim (Carta 110 – fonética)	
95	Canela	canela (Cinnamomum zeylanicum)	cravo, caneli.		Não	

N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
96	Alho	alho	Cebola, pimenta, sarsa, aio,		Não	
97	outros temperos para comida	outros temperos para comida	Salsinha, cebola de cabeça, cebolinha verde, pimenta, sal,	  	Não	

N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
98	planta para espantar mau-olhado	arruda (Ruta graveolens)	arruda, guiné, alecrim, comigo-ninguém-pode, manjerição, espada de são Jorge, hortelã, erva de santa maria, palha de alho,		Não	
99	árvore de flores amarelas ou roxas	Ipê	Ipê		Não	
100	planta para males do coração	alecrim (Rosmarinus officinalis)	Alecrim, alicrim, licrim, arruda,		Sim (Carta 97 – fonética)	alicrim, licrim,

N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
101	planta para fazer emplastro	rubim (<i>Leonorus nepetaefolius</i> Mill, <i>Phlomis nepetaefolia</i> Linné, <i>Stachys mediterrânea</i> Vell)	Rubim, mentruiz,		Não	
102	planta para dar sorte	guiné (<i>Petiveria alliacea</i>)	Guiné, comigo-ninguém-pode, arruda, alecrim		Não	

N.º da Questão do ALPR	Conceito	Variante(s) sugerida(s)	Designações	Ilustrações	Mapeada no ALPR	Variante(s) registrada(s)
103	outras plantas medicinais	outras plantas medicinais	capim-santo, poejo, hortelã, erva-doce, folha de laranja, folha de abacate, limão, limão com romã.		Não	

Obs.: Colocamos sob a denominação 'variantes registradas' tanto as variantes lexicais para o mesmo referente como as ocorrências de outras plantas ou práticas indicadas para a mesma finalidade buscada.